

Um património sem tempo: a arquitectura «longa» de Quinhentos no Porto e os exemplos do hospital de D. Lopo de Almeida e do convento de S. João Novo.

José Ferrão Afonso¹

Introdução

É frequente que o Porto, ou mais precisamente o seu centro histórico, área que foi considerada Património Mundial pela UNESCO, seja qualificado de cidade «Barroca». Se, porém, analisarmos o núcleo itadino, concluiremos que, para além da sua trama urbana datar, no essencial, da Idade Média e do início da Idade Moderna, uma boa parte dos seus edifícios monumentais, datando dos séculos XVI e XVII – capela dos Alfaiates, capela-mor da Misericórdia, S. Lourenço, S. Bento da Vitória, S. João Novo, capela-mor da Sé, Carmo, Congregados, S. Nicolau, hospital de D. Lopo de Almeida, fonte das Virtudes e Casa do Cabido² – se poderão considerar barrocos.

O conceito do «Porto barroco» foi sendo construído pela historiografia de Arte ao longo da primeira metade do século XX. Para ele deram um contributo fundamental autores como Carlos de Passos e, posteriormente, Reinaldo dos Santos. Carlos de Passos, em 1939, explica-nos a sua periodização dos estilos artísticos da cidade e a forma como «o estilo jesuíta» se ordenava nela: ao Românico, Gótico, Manuelino e Renascimento, épocas de «mediania construtiva em qualidade e quantidade»,³ ter-se-ia seguido o período mais fecundo, em termos construtivos, da cidade, o Barroco. Este último período, englobando os séculos XVII e XVIII poder-se-ia dividir em duas «modalidades» diversas: «...a jesuíta, distinta por afectada correcção e magna frieza (é o classicismo rígido e abastardado proeminente da Contra-Reforma), e o de Nicolau Nasoni mixto singular de barroco, Luís XIV e rocócó...». ⁴ Ainda em 1964, Reinaldo dos Santos ao escrever sobre o «Barroco do Porto», distinguia também, na arquitectura dos séculos XVII e XVIII e dentro desse estilo, «dois

¹ Professor da Escola das Artes da UCP/CRP, Bolseiro da FCT

² Projectada em 1709 por João Pereira dos Santos, iniciada em 1716, mas ainda maneirista. A ela podemos associar outras casas nobres contemporâneas do centro do Porto como as dos Ferrazes e de Martim Afonso de Melo, na rua das Flores, e a dos Azevedos, junto ao Governo Civil. Anterior a estas, uma casa nobre seiscentista se poderia acrescentar à lista, a dos Leites Pereira, na rua das Taipas.

³ PASSOS, Carlos de – «O Porto na arte nacional», in *Nova Monografia do Porto*, com direcção de Carlos Ramos, Porto, 1938, p. 293

⁴Idem, p. 295 É de notar que Carlos de Passos acentua – acertadamente, aliás, – que a obra nasoniana integra já elementos rocócó, facto que tem sido pouco considerado pela historiografia mais recente.

ciclos, espíritos e estilos diferentes». Do primeiro, a obra-prima seria a igreja dos Grilos, ou S. Lourenço, que atribuíra a Baltasar Álvares. Considera-a «a mais expressiva, a mais dinâmica das igrejas barrocas, não só do Porto, mas da arquitectura seiscentista em Portugal».⁵ Quanto ao segundo período, do século XVIII, diz ser dominado pela figura de Nicolau Nasoni, retomando assim, mas com designações diversas, a mesma periodização de Carlos de Passos.

Quando Reinaldo dos Santos escreveu estas palavras, Jorge Henrique Pais da Silva já tinha publicado o seu estudo «A arquitectura maneirista em Portugal» há nove anos, ou seja em 1955. Ele foi o primeiro historiador de Arte português a chamar a atenção para a importância do Maneirismo, mas propriamente para o que chamou o «Maneirismo longo» do século XVII. Esse período maneirista, extenso e forte, seria posto em causa pelo americano Kubler (1972) que, para balizas cronológicas similares, nos fala de uma «Arquitectura Chã», que teria dominado o panorama da arte portuguesa de meados do século XVI até ao início de Setecentos.

Hoje admite-se que se, de facto, podemos falar de uma arquitectura chã em Portugal, ela se integra num movimento mais vasto de classicismo europeu e terá analogias com, por exemplo, o classicismo desornamentado da vizinha Espanha. Obras posteriores à de Kubler, como a de Carlos Ruão (1995), vieram também a demonstrar a existência de um importante núcleo arquitectónico maneirista nortenho, em que predomina aquilo que ele designou de «flamenguismo»: uma exuberância decorativa de influência nórdica e de pouca austeridade «chã». Poderemos, assim, aplicar à arquitectura portuense construída entre o terceiro quartel do século XVI e o barroco setecentista, e baseando-nos em Pais da Silva, a designação de «arquitectura longa de Quinhentos». De «Quinhentos» porque é então que se aglutinam os principais elementos de um modo construtivo em que convegem uma série de determinantes interrelacionadas: um quadro geral de classicismo de origem italiana e o Maneirismo que lhe é antitético; o conservadorismo de mestres locais e encomendadores e uma constante permanência-citação do gótico; uma prática arquitectónica pouco preocupada com aspectos teóricos; a adaptação rápida da tradição construtiva e, excepcionalmente, da inovação renascentista às normas tridentinas; o *spatgothik* nórdico que as intensas relações comerciais com a Flandres favoreciam; um período, iniciado nos anos 70 de Quinhentos, de grande desenvolvimento económico, a que se sucedeu uma crise a partir anos 20 do século XVII; a ausência/distância da corte que se acentua posteriormente a Filipe I e apenas será minimizada, após a Guerra da Restauração, nos finais do século XVII.

Como se afirmou, alguns dos mais representativos edifícios desse grupo arquitectónico foram iniciados ainda no século XVI, embora por vezes viessem a ser concluídos apenas em fase adiantada de Setecentos. Para outros, o facto de datarem já nos finais do século XVII – casos dos Congregados e de S. Nicolau –, não impede que sejam, estrutural e decorativamente, quinhentistas⁶. Por fim, construções como a da capela dos Alfaiates (1565 – 15?) e a capela-mor da Misericórdia do Porto (1581-1585) serão a matriz sobre a qual se formatará todo o posterior grupo de que tratamos aqui. As excepções seiscentistas serão três: a primeira, a capela-mor da Sé (i.1605), obra italianizante, encomenda episcopal de Frei Gonçalo de Moraes; a segunda, a Igreja do Carmo (i. 1619) em que na ausência total de decorativismo flamenguista, o classicismo desornamentado domina, reforçado pela cúpula no cruzeiro substituindo a mais habitual abóbada de nervuras gótica; por último, a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, de origem quinhentista, alterada no início do século XVII, e para a qual o Bispo do Porto D. João de Sousa (1684-1696), encomendou ao arquitecto João Antunes

⁵ SANTOS, Reinaldo dos – «O Porto barroco» in *Guia de Portugal*, com direcção de Sant'Anna Dionísio, vol IV, Entre Douro e Minho I - Douro Litoral, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p. 131

⁶ Esse facto será menos visível em S. Nicolau, já que a igreja iniciada em 1671 foi reconstruída após um incêndio ocorrido no século XVIII (1758)

um projecto de reconstrução⁷. Com essa encomenda é quebrada a tradição dos mestres locais que, desde os finais do século XVI – com a excepção de Diogo Marques Lucas – dominaram a arquitectura portuense e de que são nomes importantes, entre outros, Manuel Luís, Gonçalo Vaz, Gregório Lourenço, Manuel do Couto, Pantaleão da Rocha de Magalhães, João Pereira dos Santos. Com João Antunes, e depois da Guerra da Restauração, irrompe na cidade uma cultura arquitectónica diversa, cortesã e inovadora, anunciadora do barroco. O episódio, porém, não terá consequências imediatas.

O estudo desse importante património arquitectónico tem sido bastante descurado pela investigação. Urge, pois, incrementá-lo e aprofundá-lo, inclusive porque não abrange apenas o Porto, alargando-se a uma área relativamente vasta de influência. Para este artigo seleccionamos dois edifícios portuenses que serão excelentes exemplos dessa «arquitectura longa»; o convento de S. João Novo, fundado em 1593, iniciado em 1613 mas concluído só em 1779 e o hospital de D. Lopo de Almeida, com uma cronologia similar. Este último, para além do seu valor como peça arquitectónica, é referido por se encontrar numa situação patrimonial grave. Se considerarmos Riegl – a quem devemos grande parte dos conceitos operativos patrimoniais contemporâneos –, o hospital teria sido construído como um «monumento não intencional». Por essa razão, logo que no século XVIII a sua funcionalidade cessou, devido à construção do novo Hospital de Santo António, esteve em risco de ser demolido. Hoje, esse mesmo conceito que Riegl afirmava estar já ultrapassado na Idade Moderna parece continuar a presidir à filosofia de conservação patrimonial da cidade.

Pereira de Novais, Manuel Garcês e a «Ideia»

Pouco sabemos sobre a figura de Manuel Pereira de Novais, para além do facto de ter nascido no Porto e, posteriormente, se ter deslocado para Espanha, onde foi prior, até à sua morte nos finais do século XVII, do mosteiro beneditino de S. Martinho em Santiago de Compostela. Escreveu aí, cerca de 1690, uma obra em castelhano, a *Anacrisis Historial del Origen I Fundcion I Antigüedad de la Mui Noble Y Siempre Leal Ciudad de o Porto*, originalmente em dois volumes manuscritos, que viria a ser publicada, entre 1911 e 1915, por iniciativa e sob a direcção do então director da Biblioteca Municipal, Sampaio Bruno.

Trata-se de uma obra que deve ser lida com cuidado e as informações por ela prestadas peneiradas pela crítica; apesar disso, é essencial para conhecermos a topografia do Porto da sua época e, sobretudo, a sua arquitectura. Pereira de Novais faz referência a vários edifícios importantes então existentes na cidade, e de alguns deles menciona o arquitecto. Tal é o caso da Relação, *cosa estupenda en la fabrica y modelo de la Architectura*⁸, que atribui a Manuel Garcês: *...siendo la obra Idea del Architeto Manuel Garcez, que la delineò y acabò...*⁹. Noutro trecho, Novais refere a Relação como sendo *...de la Idea y Phantasia del grande Architecto Manuel Garcez...*¹⁰ O nome deste último é mais uma vez citado quando fala do convento de Santo Elói, cuja igreja foi reconstruída em 1595: *...se començò a Edificar la Iglesia Monasterial, siendo Mº de obras el grande Architecto Manuel Garcez...Es el templo muy hermoso, y de grande*

⁷ Ver CAETANO, Joaquim de Oliveira e SILVA, Nuno Vassalo e – *Breves notas para o estudo do arquitecto João Antunes*, sep. da revista Poligrafia, nº 2, 1993

⁸ NOVAIS, Manuel Pereira de – *Anacrisis Historial*, vol II, Porto, B.P.M.P., 1913, p. 39. A Relação a que Novais se refere é a antiga, edificada em 1605 e que viria a ser substituído no século XVIII, pela actual, projecto do lisboeta Eugénio dos Santos.

⁹ Idem p. 39

¹⁰ Idem, p.50

*Concurssso, y todo de excelente Idea com mucha disposicion...*¹¹Uma última alusão a Garcês é feita em relação à Fonte da Arca, então existente fora de muros, junto à muralha, entre as Portas de Carros e o Postigo de Santo Elói. Segundo Novais, Manuel Garcês, trabalhou nela a partir de 1608, enquanto dirigia as obras do vizinho convento de Santo Elói *...por los años de Nuestro Señor de 1608, se començo a adornar esta saludabele com vn modo de frontispício Brulesco por el Architecto Manuel Garcez...*¹²

Será interessante notar como Novais, ao falar da Fonte da Arca, se alonga mais do que o habitual sobre os aspectos arquitectónicos, comparando-a favoravelmente com as obras da Antiguidade Romana, a partir das quais o *...Ingenioso de las Ideas de los Maestros antiguos pueden delinear Plantas de fachadas y execuciones de la disposicione, assi de la Optica ò Perspectiua en sus líneas Visuales y de la Symetria en sus ajustadas Proporsiones, como en los Cortes y medidas en las bases y Plintos y Capiteles de las Columnas y en las Architraues, frisos y cornixas de la cupula y Coronation, siendo tudo Vn admirable pasmo al Ingenio màs Verssado en la Architectonica, y en donde pueden venir a tomar nuevas lecciones desta Ciencia los Antiguos Architectos del Orbe...* Prossegue referindo alguns desses arquitectos: Chersiphron, que seria o responsável pelas colunas do templo de Diana em Éfeso, Hermedoro pelo levantar dos seus obeliscos e, por último, o «grande mestre» referido por Dion que, em Roma, na época do Imperador Tibério César teria reconstruído *...um alpendre entero que en Roma ameaçaua Ruyna...* Nesse arquitecto ter-se-ia inspirado, segundo Pausanias, citado por Novais, Spintaro...*Architectonico del templo de Delphos...*¹³

Para além da óbvia confusão estilística e cronológica – o templo de Delfos é muito anterior a Tibério, o de Diana é uma obra helenística, o grande mestre da época de Tibério era, ele mesmo, romano, podemos apercebemo-nos do ambiente classicizante em que se move o beneditino: as qualidades que deveria possuir a boa arquitectura seriam a imitação da Antiguidade mas, a partir desse pressuposto, a *ideia* ou a *phantasia* do artista, constantemente citadas em relação à obra de Manuel Garcês, podiam operar¹⁴. Trata-se, portanto, de um conceito maneirista, dominante na arquitectura seiscentista do Porto que Novais conheceu. Alusões mais detalhadas a um formalismo maneirismo podem ser encontradas, por exemplo, quando nos fala da existência, na Fonte da Arca, de um *frontispício Brulesco*.

O hospital de D. Lopo de Almeida

A figura de Manuel Garcês é enigmática. O seu nome não é mencionado na historiografia de arte do Porto ou de Portugal, incluindo em duas obras principais como o «Dicionário» de Viterbo e os «Apontamentos» de Magalhães Basto.

¹⁵ Sobre o Convento de Santo Elói, sabemos que a sua igreja foi reconstruída em 1593. Pouco depois, em 1595, o mestre pedreiro Gaspar Gonçalves encontrava-se, à frente da fábrica do convento¹⁶ que, em 1614, estava longe de estar

¹¹ Idem, p. 74

¹² Idem, p. 42. A fonte da Arca viria a ser transformada nos finais do século: data de 13 de Outubro de 1681 o «Requerimento de Manuel do Couto em que pede o depósito de 724 réis a fim de se lhe pagar o remate da dita fonte, conforme a avaliação de 2 mestres». A.H.M.P., IA 34, Índice de Proprias, ACH, fls 380 (Livro 18 de Proprias, fls 246)

¹³ Idem, p. 42

¹⁴ Ver, por ex., PANOFKY, Erwin – *Idea. Contribución a la historia de la teoria del arte*, Madrid: Alianza, 1979

¹⁵ Respectivamente VITERBO, Joaquim de Sousa - *Diccionario histórico e documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Lisboa: INCM, 1998 e BASTO, Artur de Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XVI ao século XVIII*, Porto: CMP, 1964

¹⁶ ADP, Fundo Monástico, nº 4382, Convento de Santo Elói, Livro 25 de Prazos, 1595, Julho 29, fls 342-347vº. No convento, os Ióios emprazam uma casa a Gaspar Gonçalves «mestre de pedraria e das obras do dito mosteiro», morador na rua da Reboleira.

concluída.¹⁷ Existiu, contudo, um Manuel Garcês no Porto, contemporâneo das obras atrás mencionadas pelo beneditino. Trata-se do padre Manuel Garcês que podemos associar ao arranque da construção do hospital de D. Lopo de Almeida na rua das Flores. Hoje semi-arruinado, com os seus diversos corpos pertencentes a variados proprietários, utilizados com armazém ou simplesmente abandonados, este edifício é de grande importância para o estudo da arquitectura civil portuguesa da sua época, particularmente a hospitalar. Recentemente, o IPPAR levou aí a cabo alguns trabalhos arqueológicos de pesquisa, o que pode constituir um bom augúrio em relação a uma possível, mas nada simples, intervenção futura.

O hospital foi a primeira instituição portuense exclusivamente dedicada à cura de doentes, ultrapassando definitivamente a multiplicidade funcional característica do hospital medieval, a *domus dei* ou *domus pauperum*. Essa especialização era propícia a uma maior racionalidade do desenho, e o primeiro hospital europeu em que tal se verificou foi o de *St^a Maria Nuova* em Floreça, fundado em 1284. No século seguinte, em 1334, uma enfermaria com a forma cruciforme para homens foi aí construída: quatro alas que se juntavam num centro em que se abria a capela com o altar. Em Itália esse exemplo precoce será seguido por uma série de estabelecimentos hospitalares: o mais célebre é o *Ospedale Maggiore*, em Milão, projecto de Filarete (1456) que só viria a ser concluído no século XIX. Filarete fora expressamente enviado pelo senhor de Milão Francesco Sforza a Floreça para estudar o plano de *St^a Maria Nuova* e o seu projecto rectangular tripartido contemplava uma longa fachada palaciana aberta para a rua, com uma pórtico central que dava acesso a um pátio axial rectangular com, ao centro, uma igreja de planta centrada. Esse rectângulo era ladeado por dois corpos quadrados, em cada um dos quais se inscreviam as enfermarias cruciformes, com as capelas na intersecção dos braços. O modelo milanês será adoptado em Lisboa pelo hospital de Todos-os-Santos (1492), destruído pelo terramoto de 1755 e que se localizava entre os actuais Rossio e praça da Figueira.

O estabelecimento portuense é mais tardio e, logo, de uma época em que a planta cruciforme estava divulgada e era aceite em toda a Europa como sendo a mais apropriada para hospitais. Em 19 de Janeiro de 1605 a Misericórdia tinha deliberado a sua construção na rua das Flores, com a designação de D. Lopo de Almeida e, nos primeiros dias de Fevereiro desse mesmo ano, dera-se início aos necessários trabalhos preparatórios de demolição e limpeza. Em 14 de Março de 1605 foi lançada a primeira pedra do edifício e o apontador da obra, encarregue do recebimento dos dinheiros para pagamento das férias dos trabalhadores, era o padre Manuel Garcês, a quem meses antes a Mesa elegera como capelão do hospital de D. Lopo. Será este o arquitecto Garcês a quem o padre Novais rasgou tão altos elogios?

As obras do hospital prosseguiram sob a direcção do mestre de pedraria Pantaleão Brás, enquanto que Baltasar Gonçalves tomou a seu cargo a parte de carpintaria. Pantaleão Brás, porém, dirigia somente o estaleiro; o risco não lhe pertencia. Segundo informa Magalhães Basto, quando, em 27 de Julho de 1597, a confraria decidiu a construção de um novo hospital, o provedor Diogo Brandão foi encarregue de encomendar o seu projecto. Magalhães Basto diz ainda desconhecer se Diogo Brandão terá cumprido esse designio, mas é da opinião que quando o hospital arrancou existia um projecto.¹⁸ Pertenceria ele a Manuel Garcês? É pouco provável: o próprio Novais não o menciona quando fala do hospital, sendo esta, curiosamente, a única obra a que conseguimos associar o seu nome.

Em 1615 é feito o último pagamento a Pantaleão Brás, que então trabalhava na construção das paredes do hospital. Anos antes, em 1608, ele tinha concluído o pórtico aberto para a rua das Flores, de ordem coríntia e, pelas descrições existentes, similar ao da fachada retabular da vizinha Misericórdia de Manuel Luís. Para a direita desse pórtico

¹⁷ A.H.M.P., IA 35, Índice de Próprias,, A-CH, 1614, Janeiro 4, fls 89

¹⁸ Ver BASTO, Artur de Magalhães – *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, vol. II, Porto: Santa Casa da Misericórdia., 1995, p.178-179

corria, faseando a rua, o frontispício do hospital, como o de Filarete em Milão com características palacianas, e que viria, nos finais do século, a alcançar a esquina da rua do Souto, actualmente dos Caldeireiros.

As obras, morosas, difíceis e cheias de hesitações prolongar-se-iam ao longo de todo o século XVII: as suas diversas peripécias são-nos relatadas, não só por Magalhães Basto, mas também por Eugénio da Cunha e Freitas,¹⁹ continuador da «História da Santa Casa» encetada pelo primeiro. Em 1649 sucedeu um episódio curioso e, simultaneamente, elucidativo: a Mesa deliberou então que os trabalhos prosseguissem segundo um projecto do padre João de Santo Agostinho, do vizinho convento de S. João Baptista (Lóios). Razão para tal? Dois anos depois, novas deliberações da Irmandade ajudam-nos a compreender o que se tinha passado: elas informam-nos que o projecto original tinha desaparecido e que, portanto, fora necessário, para continuação das obras durante esse espaço de tempo, recorrer a nova traça. Esta, contudo, viria a revelar várias deficiências. Finalmente, em 1651, o projecto antigo tinha reaparecido; algumas das obras realizadas nos dois anos decorridos desde 1649 foram demolidas e os trabalhos retomaram o seu curso. Só no início do século XVIII, porém, o hospital seria concluído: em 1705 ainda se realizam obras de pedraria – segundo os «apontamentos» do mestre pedreiro João Pereira²⁰ – e em 1718 o cabido autorizou a colocação do Santíssimo na capela do claustro que seria benzida no ano seguinte pelo deão e provedor da Misericórdia Jerónimo de Távora e Noronha.

O hospital de D. Lopo tem um plano que se articula em torno de um pátio claustrado central. Ladeando este e perpendicularmente à rua situavam-se, à esquerda e no enfiamento do antigo pórtico de entrada, a enfermaria das mulheres (o pórtico e portaria situavam-se na actual casa nº 161 a 165 da rua das Flores; segundo o «Tombo» da Misericórdia de 1740 a enfermaria feminina possuía então 42 camas), à direita e paralela a ela a dos homens (nas traseiras da casa nº 183 a 179 da mesma rua: segundo o mesmo «Tombo» tinha 32 camas²¹). Unindo as duas enfermarias, na ala com a fachada «palaciana» que abria para a rua das Flores dispunham-se, no segundo piso, ou andar nobre, a sala de despacho, a dispensa e uma sala destinada a doentes particulares – esta junto à entrada da enfermaria dos homens – bem assim como a portaria e a escadaria que, a partir dela, acedia ao pátio, aos diversos pisos e às enfermarias. Os baixos deste corpo voltado à rua estavam, na sua maior parte alugados para estabelecimentos comerciais em 1698.²² Em 1740, porém, isso já não sucedia, segundo a descrição do «Tombo» de 1740 referido. Ai se situavam a casa do capelão, junto à portaria e «... adeante desta loja está a casa da botica deste Hospital e os ministérios dela é por conta dos rendimentos da mesma Santa Casa. E logo adeante desta botica está outra casa onde se fazem os medicamentos para a mesma botica, e na esquina da rua dos Caldeireiros está outra loja que se aluga, e por cima desta e das mais lojas e casa da botica está um sobrado que fica por baixo da casa de despacho e casa de doentes

¹⁹ Cfr. FREITAS, Eugénio de Andreia da Cunha e – *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, vol. III, Porto: Santa Casa da Misericórdia, 1995

²⁰ Provavelmente João Pereira dos Santos, metre pedreiro muito activo no Porto nessa época e de que voltaremos a falar neste artigo.

²¹ Citado por PINA, Luís de – «Instituição de benfazer e actividades culturais», *História da Cidade do Porto*, vol. II, Porto: Portucalense Editora, 1964, p. 473-474

²² Arquivo Histórico Municipal do Porto, nº1414, *Lançamento da décima na cidade velha*, ano de 1698, fls 225vº. Na área referente ao hospital pode-se ler: «...casas em que vive o capelão do hospital que são da Misericórdia. Trabalha em sua loja Jacinto Carneiro pobre ourives de prata. Nas ditas casa que ficam todas por baixo do ospital vive Francisca Moreira viúva e pobre vendedeira de vinhos. Mateus Pinto de Azevedo ourives de prata vive em casas dos baixos do mesmo hospital e a seu maneio lhe lançamos seis vinténs. Manuel Mendes ourives de prata vive em os mesmos baixos do hospital e em seu maneio lhe lançamos seis vintens. Catherina da Silva molher de Vicente Francisco entrevado vive nos mesmos baixos do hospital e de seu pobre trato não pode sustentar se e a seu maneio porque pede esmola a Misericordia».

particulares, o qual sobrado é onde habita o boticário do mesmo hospital, e da parte da rua dos Caldeireiros, da esquina até à porta do carro tem suas lojas que se alugam...». ²³

Paralelamente ao corpo voltado à rua das Flores e fechando o pátio a poente, situava-se a enfermaria dos convalescentes, perpendicular às dos homens e mulheres e unindo-as entre si, cuja construção foi permitida por um donativo do bispo D. Nicolau Monteiro concedido em 1667. Em torno do claustro situavam-se várias dependências, entre elas a capela benzida por D. Jerónimo de Távora e Noronha em 1718 – ostentando uma cartela barroca sobre a porta de entrada, nota de decoração festiva que destoa do conjunto extremamente austero ainda hoje existente – a cozinha, a capela funerária, uma passagem para a zona posterior do hospital, onde depois de 1688 se situou o pátio da Roda, com saída, através da porta do carro, para a rua do Souto – e as celas para loucos incuráveis. Do lado da rua do Souto a Misericórdia foi, ao longo do século XVII, comprando as várias habitações que se situavam na sua margem sul da até alcançar o Padrão de Santo Elói – aí se situava a entrada para o antigo hospital de Rocamador e, junto a ela seria construído o edifício da Roda dos Expostos – onde viria a instalar diversas dependências hospitalares, como as enfermarias das «boubas» e das doenças venéreas, ou do «gálico». Os baixos dessas enfermarias, como o «Tombo» indica, destinavam-se a aluguer.

O hospital ocupou uma área no gaveto entre as ruas das Flores e do Souto que coincidia, em parte, com a da antiga albergaria de Rocamador, mas avançando mais para sul, em direcção às Flores; as obras realizadas ao longo do século XVII foram demolindo o antigo estabelecimento medieval ou reaproveitando os seus edifícios para novas funções. Também demolidas foram as casas que se situavam na rua das Flores, propriedade da Misericórdia, e que foram sendo adquiridas à medida que os trabalhos iam avançando. A norte do hospital e a uma cota superior seriam comprados quintais pertencentes a habitações da rua do Souto em que se instalou o cemitério; o espaço que foi por ele ocupado existe ainda hoje no interior do quarteirão.

O padre Novais considera o estabelecimento portuense uma cópia do hospital de Santiago de Compostela (1501-1511) embora, segundo ele, lhe fosse superior no número de camas – 40, no seu dizer, em cada uma das enfermarias –. O hospital galego foi desenhado, conjuntamente com os de Santa Cruz de Toledo (1504-1514) e o de Granada (i.1504) por Henrique Egas e tinha planta cruciforme, com a cruz formada pelas enfermarias inscrita num rectângulo e a igreja ao centro. As camas, em Santiago como na rua das Flores, abrigavam-se em alcovas formadas por arcos embebidos nas paredes; a planta da rua das Flores, porém, não é exactamente cruciforme. De facto, as duas enfermarias eram paralelas, não se cruzavam e estavam ligadas entre si pela ala dos convalescentes. Nos pontos de encontro desta com aquelas situavam-se os dois altares, um para os homens, outro para as mulheres. Anteriormente à construção da enfermaria dos convalescentes, portanto, a planta do hospital de D. Lopo não era, de modo nenhum, cruciforme; depois daquela concluída tornou-se uma variante, ou, se quisermos, uma adaptação dessa tipologia.

O próprio Novais, na sua descrição do hospital portuense não é muito claro; em primeiro lugar afirma decididamente o carácter cruciforme da planta do novo hospital que sucedera ao de Rocamador: *...oy tiene nueva forma esse Hospital, Redusida la Iglesia Antigua con las muchas y Magestuosas obras de transformarsse en cruz la iglesia, sirviendo el Pie y braços deste cruzero a Dormitórios y Enfermarias, com tal disposicion que, quedando el altar mayor desta Iglesia en el centro de cuerpo e braços, Pueden gozar y participar todos los enfermos destes transitos el ver el Santissimo que se levanta en el Sacrificio de la missa, en todas las que se disen en dicho Altar Mayor...* Mais à frente, contudo, a sua descrição fala de duas cruces unidas pelo braço transversal, com um pátio entre elas, ou seja, o que na realidade existiu na rua das Flores – embora provavelmente os braços exteriores da cruz fossem apenas uma marcação

²³ Citado por PINA, Luís de, op. cit., p. 473

inscrita, sem qualquer desenvolvimeto espacial –: *...tiene 40 camas Para mugeres y otras tantas la de las calenturas y fiebres de hombres, com tal proporcion en la Geometria que el braço Isquierdo deste Cruzero Va a fachar en el centro donde comiensa el Braço derecho desta cruz, todo com grande orden y uniformidad, quedando en los Angulos espaciosos deste quadros destas dos Enfermarias el Pateo del Despacho y otras Oficinas menores para servicio desta grande obra y hospital...*²⁴

Se analisarmos as plantas da Misericórdia do Porto, na mesma rua das Flores, vemos que ela era composta pela igreja, à esquerda, ladeada por um pátio rodeado, em quadra, por três corpos de edifício. Em Guimarães, por exemplo, sucedeu o mesmo. Ou seja, ambas as Misericórdias seguem uma tradicional disposição conventual, com o claustro adossado a um dos lados do templo. A planta de Filarete, bem como a de Todos-os-Santos em Lisboa e a de Santiago de Compostela, porém, supõem uma modificação em relação a esse esquema tradicional: em Milão o pórtico de entrada, substituto da igreja, adopta uma posição axial e dominante na fachada, enquanto que o templo passa para o interior do corpo rectangular central a que ele dá acesso. Em Lisboa, a igreja adoptou uma posição central na fachada virada ao Rossio; as enfermarias, paralelas à fachada, e dos dois lados do templo, abriam para o seu interior, permitindo aos doentes a assistência aos ofícios divinos. Em Santiago, Enrique Egas adoptou uma posição de compromisso: o profundo pórtico de entrada abre-se ao centro da fachada, e está longitudinalmente alinhado com a nave central da igreja em cruz latina que lhe é posterior. As enfermarias situam-se nos prolongamentos dos dois lados do transepto e templo, por sua vez, inscreve-se no interior de um rectângulo e é ladeado por quatro pátios.

Se, como afirma Novais, o estabelecimento portuense fosse uma cópia do de Santiago, teria que ter os mesmos quatro pátios, não apenas um como de facto possuiu. O partido de uma igreja central com enfermarias convergentes para os braços do transepto parece corresponder ao início da descrição do beneditino. Seria esse, sem dúvida, o projecto do hospital «ideal». Quando, em 1651, «a traça antiga», ou original – sem dúvida a que Diogo Brandão tinha encomendado em 1597 – foi encontrada, a mesa refere o carácter grandioso da obra inicialmente projectada: «...assim porque sendo a obra do dito hospital tão grandiosa como se começara [...] o ir-se continuando o dito Hospital com aquela grandeza e modo com que ao principio se começara...».²⁵ O excesso de ambição, frequente em muitos dos projectos elaborados numa época, finais do século XVI e início do XVII, de grande progresso económico poderá ter levado a uma contenção do plano inicial. Assim, o hospital de D. Lopo, com todas as inúmeras questões que levanta, as constantes hesitações e problemas construtivos com que se deparou ao longo da sua edificação e as alterações ao projecto inicial – ainda hoje patentes nos edifícios existentes na rua das Flores – é um excelente exemplo dessa arquitectura «longa» de que acima se faz menção. O que se ergueu foi resultado de uma adaptação do projecto «ideal» às condições próprias do lugar, das preexistências – habitações e hospital medieval de Rocamador – e das possibilidades económicas da confraria que, a partir do segundo quartel de Seiscentos, deviam ser escassas devido à grave crise económica. Formalmente, o seu carácter maneirista, num conjunto em que primava uma funcionalidade austera, foi ostensivamente marcado na desaparecida fachada retábulo corintia do pórtico.

Resta saber quem seria o autor da planta do hospital, perdida em 1649 e recuperada em 1651. Uma hipótese forte é a de Gonçalo Lopes (c.1533-1603), o mestre pedreiro vimarenense que trabalhou na Misericórdia de Guimarães a partir de 1595 e que, em 1598, arrematou no Porto a construção do chafariz da Porta do Olival e do aqueduto de Paranhos. O facto de ter morrido em 1603 pode explicar que tenha sido Pantaleão Brás a dirigir a obra quando do seu arranque dois anos depois. O troço de fachada original do hospital ainda visível na rua das Flores – casa nº 171-177 – parece, porém, de desenho posterior a 1597; ela é muito semelhante, no tipo e disposição das aberturas, ao da casa de

²⁴ NOVAIS, Manuel Pereira, op. cit., vol II, p. 166-167

²⁵ FREITAS, Eugénio da Cunha e, op. cit., vol III, p.450-451

despacho da Misericórdia de Guimarães, projectada por João Lopes de Amorim, genro de Gonçalo Lopes, e concluído em 1640. Sendo assim, é provável que o então responsável da obra portuense tenha introduzido alterações ao projecto e se tenha inspirado no alçado vimaranense. Uma vez mais a *praxis* a actuar... Essa hipótese não invalida uma segunda, a da fachada do Porto poder obedecer ao projecto do padre lóio construído entre 1649 e 1651, como informa o provedor da Santa Casa nesta última data: «...e se fez outra traça de novo por onde se fizeram por a parte da rua as paredes e janelas das casas do dito hospital e a casa do capelão...».²⁶ Se for esse o caso, o clérigo pode-se ter inspirado, do mesmo modo, na obra de Pedro Lopes de Amorim.

Em 1768 um alvará régio ordenou a mudança do hospital de D. Lopo para um novo estabelecimento, a construir «entre a Cordoaria e os quartéis», ou seja o futuro hospital de Santo António. Para a zona do antigo hospital projectou-se depois disso a abertura de uma rua: em 18 de Maio de 1785 somos informados que a Junta das Obras Públicas deliberara o rasgar de «...huma rua que deve ter o seu princípio no padrão de Santo Eloy e desevocar no alto de Belmonte». Ela apenas não tinha sido ainda iniciada porque «...ainda não se verificaram as circunstancias necesarias para se abrir a dita nova rua sendo destas a principal a mudança do semiterio e hospital de Dom Lopo pelo qual deve entrar a mesma rua...».²⁷ Referente ao mesmo assunto, encontramos o seguinte registo, datado de 1784, no livro de Sessões e Registos de Obras Públicas «...acontese que devendo indispensavelmente mudar-se o hospital de Dom Lopo de Almeida do sitio da rua das Flores em que foi edificado pelas muitas circunstancias que constituem prejudicial desta sua situação, logo que o edificio e area d'elle se aplique a outros usos se deve abrir huma nova rua travessa que, principiando defronte do padrão de Santo Eloy e decorrendo pelo actual cemeterio do mesmo hospital e depois pella viella da Esnoga va sahir no alto da Calsada de Bellmonte...».²⁸

Uma arquitectura sem tempo: a Igreja de S. João Novo

O mestre de pedraria Pantaleão Bás, filho de um outro pedreiro importante, Brás Martins, esteve à frente da obra do Hospital de D.Lopo mas não era, como, vimos, o autor do projecto. Este mestre foi muito activo no início do século XVII no Porto e entre outras obras – é, por exemplo, um dos que participa na obra da Relação filipina – contratou com os Ermitas de Santo Agostinho de São João Novo, em 1604, a transformação da paroquial de Nossa Senhora da Vitória – a mesma para a qual, como atrás se referiu, João Antunes projectará nos finais do século. O abade da freguesia de S. João de Belmonte, Gonçalo Vieira, tinha renunciado da sua igreja paroquial em 1602 para o bispo D. Frei Gonçalo de Moraes, que extinguiu a paróquia e viria a ceder o seu templo aos Ermitas de Santo Agostinho. Os fregueses foram repartidos entre S. Nicolau e a Vitória e a pequena igreja paroquial desta última teve de ser aumentada, obra essa que ficou a cargo dos frades de S. João Novo: «...que hera verdade que elles tinham obriguação mandar fazer certas obras de pedrarya na hygreya de Nossa Senhora da Vitorya desta cydade sytta na rua de São Myguel della porquanto tinham licensa do Padre Santo pera extinguir a freyguesia deste seu mosteyro de São João pello que aviam de mandar acrescentar has suas custas ha dita higreya de Nossa Senhora da Vitoria. E por esse respeito estavam comsertados e

²⁶ Idem, p.450

²⁷ AHMP, n.º 2279, *Vistorias*, Livro IV, 1785, Maio 18, fls 34.

²⁸ AHMP, n.º 2301, *Obras Públicas, sessões e registos*, Livro 1.º, 1784, Agosto 30, fls 104v.º

contratados com elle Pantalleão Bras que presente estava pera lhe aver de fazer na dita higreja de Nossa Senhora da Vitorya a obra de pedraria seguinte...».²⁹

Esta igreja tinha sido erguida sobra a antiga sinagoga judaica e, em 1576, o mestre de pedraria Manuel Luís abandonara a obra, para protesto dos Confrades de Nossa Senhora da Vitória, na sua maior parte cristãos-novos, que então patrocinavam a edificação.³⁰ Pelos contratos de Pantaleão Brás, responsável pelo «acrescentamento» no que se refere à pedraria e de Pêro de Beja, encarregue dos trabalhos de carpintaria,³¹ percebemos a modéstia do templo: apenas um corpo de igreja com uma só nave e uma capela-mor, esta última a zona da igreja que seria ampliada por Pantaleão Brás.

Vemo, assim, que a fundação do convento de S. João Novo provocou profundas alterações na configuração urbana, espacial e eclesiástica das zonas da Vitória e Belmonte; essas alterações alargar-se-iam ao fornecimento de água. Em 1607, Maria Dias, moradora na Cordoaria Velha de Miragaia, tinha-se contratado com os frades sobre a passagem do cano de água que os Agostinhos então construíam, vindo de junto da fonte das Virtudes, pelo quintal nas traseiras da sua casa. A viúva obriga-se a permitir a passagem desse cano mediante o pagamento de 3000 réis «...e rogei a Pantalião mestre de obras de pedraria que este fizesse por mim e asinasse em meu nome com as testemunhas que estavam presentes...».³² Parece, portanto, que Pantaleão Brás estava à frente das obras do novo convento; porém, o edifício conventual ainda não se tinha iniciado e os trabalhos por ele dirigidos deviam estar relacionadas, para além do abastecimento de água, com a adaptação de casas para habitação e oficinas dos Gracianos, como também eram conhecidos os Ermitas de Santo Agostinho. Talvez a mais importante obra então realizada tenha sido mesmo a construção de uma capela-mor para a antiga paroquial, que lhes servia de igreja e fora cedida pelo abade Gonçalo Vieira: «...a qual por estar imperfeita e sem capella mor nos aperfeçoamos, e fizemos a capella, gastando nisso muito dinheiro...».³³ Essa construção pode ter sido permitida pelo legado do capitão-mor de Cochim D. António de Noronha em 1602, mas que os Gracianos só viram a receber em 1608³⁴.

Cinco anos depois, em 1613, como atrás se disse, foi lançada a primeira pedra do convento pelo bispo D. Frei Gonçalo de Moraes e «...animados aquelles primeiros fundadores não de mais terrenos para empreender edificio tão magnifico, como se ve no dormitorio da parte do rio Douro que foi o primeiro que se fes, mas da Providencia Divina, a cuja gloria dedicavam os laborioso trabalhos de empresa tão custosa que so dos experimentados he bem conhecida traçaram a planta do edificio e deram o principio a elle pelo dito dormitorio que tem de comprimento duzentos e quarenta e oito palmos e de largura mais de quarenta...».³⁵

²⁹ Arquivo Distrital do Porto, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/26/9/7 cx 362 (3), *Prazos*, 1604, Fevereiro 5, fls 69 (ver doc I, fls 69vº)

³⁰ Ver AFONSO, José Ferrão – *Manuel Luís – Um contributo para o estudo de um mestre pedreiro quinhentista*, separata da revista Museu, IVª Série, nº 6, 1997

³¹ Ver docs I e II - ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/26/9/7 cx 362 (3), *Prazos*, 1604, Fevereiro 19, fls 75

³² A. D. P, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/16/1/49, 1607, Maio 21, fls 27. O documento tem a assinatura de Pantaleão Brás.

³³ ADP, Fundo Monástico, nº 45/K/16/1, Convento de S. João Novo, «Memorias Historicas e Chronologicas do Convento de São João Novo da Cidade do Porto Fundado no Anno de 1593», ano de 1772, fls 95 vº (ver doc. V)

³⁴ Idem, fls 26. O legado de António de Noronha é mencionado pelo investigador Jaime Ferreira-Alves no artigo: «Noticias sobre imagens, prata e outros objectos do convento de S. João-o-Novo segundo as Memorias Históricas e Chronologicas», Museu, IVª Série, nº 4, 1995, p.189-194. Nesse artigo, Ferreira-Alves cita as «Memorias» do convento de S. João Novo que são a base deste estudo.

³⁵ «Memorias...», fls 9 (ver doc. V)

Pela leitura do excerto acima depreendemos que, como sucedeu no caso do hospital de D. Lopo também aqui, obviamente, existiu uma planta inicial. Do mesmo modo podemos perguntar, como fizemos atrás, quem seria o seu autor. Pantaleão Brás parece fora de questão; Gonçalo Vaz, que lhe deve ter sucedido no cargo de mestre das obras do mosteiro é, pelo contrário, um fortíssimo candidato. Em 1617 ele já está à frente dos trabalhos de S. João Novo; provavelmente já em fim de carreira, o seu prestígio na cidade era tão grande que os Agostinhos o impuseram à Câmara, substituindo António de Sousa na obra da fonte das Virtudes.³⁶ Para esse prestígio contribuiu o facto de Gonçalo Vaz ter estado activo no Porto desde pelo menos 1603 e de, anteriormente a essa data, ter sido mestre das obras de S. Salvador de Grijó, cargo que ocupou pelo menos desde 1581 e a que pode ter sucedido ao seu sogro Manuel Luís³⁷.

Pelas «Memórias Historicas e Chronologicas do Convento de São João Novo da Cidade do Porto Fundado no Anno de 1593», datadas do ano de 1772 e existentes no Arquivo Distrital do Porto podemos acompanhar as diversas fases da construção do convento.³⁸ As obras começaram, como habitualmente, pela zona de serviços, mais precisamente pelo dormitório do lado do rio. A construção dessa zona, com o claustro, portaria, refeitório, dormitórios, livraria, cozinha e outras dependências prolongar-se-ia até ao triénio do prior Frei António Leal, entre 1763-1766.³⁹

³⁶ Sobre Gonçalo Vaz, ver RUÃO, Carlos, *Arquitectura maneirista no nordeste de Portugal, italianismo e flamenguismo*, Coimbra: EN, 1996, pp. 241-247 e AFONSO, José Ferrão, obra citada. Sobre a obra da Fonte das Virtudes, Ruão cita Magalhães Basto: a transcrição completa dos dois documentos referentes ao acordo entre a Câmara e os Agostinhos que contemplava a substituição do encarregado das obras por Gonçalo Vaz vai nos docs III (ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/16/1/49, 1617, Dezembro 30, fls 40) e IV (ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/16/1/49, s/d, fls 41).

³⁷ ADP, Fundo Monástico, Convento de S. Salvador de Grijó, nº 3884, fls 227. Gonçalo Vaz, «mestre de pedraria das obras do mosteiro» é testemunha de um prazo feito no mosteiro em 15 de Abril de 1581.

Num outro prazo, do mesmo modo feito no mosteiro em 11 de Fevereiro de 1568, são testemunhas Gonçalo Vaz e seu irmão Afonso Vaz, naturais de «Valandorinhos» (?) da freguesia de Olivar do couto de Pedroso (idem, fls 230). É possível que este seja o mesmo Gonçalo Vaz mestre de pedraria. No mesmo livro existem ainda as seguintes referências a Gonçalo Vaz: 1598, Setembro 3, fls 212: Gonçalo Vaz é testemunha de um reconhecimento na «casa da portaria» do mosteiro de Grijó; 1598, Setembro 12, fls 220: Gonçalo Vaz é testemunha de mais um reconhecimento; 1598, Setembro 3, fls 222: Auto de reconhecimento do meio casal de Morraceses, do couto de Grijó, «...que trazem Gonçalo Vaz e sua mulher Beatriz Luis...», na «casa da portaria». Presentes estão Gonçalo Vaz e sua mulher Beatriz Luis, moradores na aldeia de Morraceses do couto de Grijó. Traziam por prazo em que eram a primeira e segunda vida metade do casal de Morraceses, que tinha sido de Domingos Gonçalves e sua mulher Domingas Gonçalves. O emprazamento tinha sido feito a 18 de Julho de 1594, sendo testemunhas o padre António de Braga, clérigo de Missa e cura da igreja de Aviedo; Baltasar João, pedreiro morador em Canelas; e João Rodrigues, pedreiro morador em Morraceses (o documento tem a assinatura de Gonçalo Vaz a fls 224). O projecto de Grijó é atribuído ao castelhano Velazquez. Carlos Ruão, contudo, pôs recentemente em causa essa atribuição. Segundo ele, Grijó não possui nenhuma das características estilísticas da anterior obra de Velazquez que, para além disso, faleceu em 1576, ou seja dois anos depois do início da obra de S. Salvador (1574) (Ver RUÃO Carlos, op. cit.). Um novo mestre deve portanto ter-lhe sucedido, mestre esse a quem se devem profundas alterações ao projecto. Presumo que esse mestre possa ter sido Manuel Luís. Em 1576 ele abandonou a obra da portuense Igreja de Nossa Senhora da Vitória. Tal facto voltará a suceder posteriormente, quando deixou a obra de Amarante, que dirigia provavelmente desde 1581, para projectar a da capela-mor da Misericórdia portuense (1584). Manuel Luís pode ter estado, portanto, em Grijó entre 1573 e 1581, data em que parte para Amarante. Nesse ano o seu genro Gonçalo Vaz – que possivelmente conheceu aí a sua mulher Beatriz Luís – é mestre das obras do convento agostinho.

³⁸ Dada a sua importância, fez-se a sua transcrição nos trechos referentes às obras do convento. Elas incluem não apenas a arquitectura, mas também a talha, as artes decorativas, a ourivesaria, a imaginária, a pintura e a paramentaria. Como se disse atrás, o investigador Jaime Ferreira-Alves já citou estas «Memórias», mas transcreveu apenas alguns trechos referentes à imaginária, prateria, paramentaria e outros objectos litúrgicos. Essas transcrições serão convenientemente assinaladas em nota. (Ver doc. V).

³⁹ Ver doc V, fls 13-13vº

A igreja, porém, só viria a iniciar-se em 1673, como refere o investigador Jaime Ferreira-Alves, citando as «Memórias». O impulsor das obras seria Frei Manuel da Trindade, recém-chegado de Vila Viçosa; em 1683, quando faleceu, a capela-mor e o cruzeiro estavam concluídos: «Fechou se o cruzeiro da igreja com formosa abobeda na grandeza e na perfeição» e «Ficaram principiadas as primeiras capellas do corpo da igreja, dos Passos e de S. Nicolao». Poucos anos depois, em 26 de Outubro de 1689, foi colocado, com grande solenidade o Santíssimo Sacramento na igreja.⁴⁰ Os trabalhos prosseguiriam e Frei Manuel de Cerqueira, no triénio de 1700 a 1703 «mandou fazer o risco do frontespicio da igreja».⁴¹ A obra da frontaria, contudo, só seria iniciada no triénio do prior Frei Inácio de Lis, que começou em 1725, e viria a ser concluída apenas em 1779.⁴² No interior da igreja, as últimas obras, no que respeita à arquitectura, efectuaram-se no triénio do prior Frei Agostinho dos Santos, iniciado em 1737.⁴³

A igreja de S. João Novo levanta uma série de questões. Em primeiro lugar trata-se de um projecto – com excepção da fachada – que pode ter sido traçado por Gonçalo Vaz ainda no primeiro quartel do século XVII, quando foi mestre das obras, mas que só viria a ser implementado em 1673. O homem que iniciou a sua construção tinha anteriormente estado em Vila Viçosa, onde se trabalhava então a monumental igreja dos Agostinhos – panteão dos Duques de Bragança – iniciada em 1635 e que em 1677 estava quase concluída, sendo nessa data para aí trasladadas as ossadas do primeiro Duque. Para além das semelhanças de disposição geral comum às igrejas portuguesas posteriores aos meados do século XVI e a Trento - nave-única, capela-mor profunda e capelas laterais comunicantes - existem algumas diferenças entre os dois templos. Em Vila Viçosa, por exemplo, existe um endonártex, ausente em S. João Novo e, no cruzeiro, abre-se uma cúpula, substituída no Porto por uma abóbada de nervuras gótica.

É recorrente na historiografia de arte portuguesa a afirmação de que S. João Novo é uma cópia de S. Lourenço. Essa semelhança teria especialmente a ver com as fachadas, mas ela vai muito para além disso: Gonçalo Vaz esteve provavelmente também ligado ao Colégio jesuíta portuense⁴⁵ e, para além de planos semelhantes, o tipo de decoração maneirista flamenga, a abóbada ainda gótica do cruzeiro, os arcos de triunfo serlianos repetem-se nas duas. Desde os finais do século passado que Joaquim de Vasconcelos assinalou esse ar de família entre os dois templos, acrescentando mais um, S. Bento da Vitória, ao grupo.⁴⁶ Curiosamente, Gonçalo Vaz esteve também associado a esta obra, embora a actual igreja beneditina seja muito posterior à sua intervenção e deva ser atribuída ao arquitecto real Diogo Marques

⁴⁰ Ver doc V, fls 59vº

⁴¹ Ver doc. V, fls 60

⁴² Ver doc V, fls 12. Referido por FERREIRA-ALVES, Jaime, obra citada, p. 190. Ferreira-Alves levanta a hipótese e o autor do risco ser João Pereira dos Santos

⁴³ Ver doc. V, fls 62. Ferreira-Alves, indica em nota (p.190, nota 1), no referido artigo da Museu, que ela teve início em 1726 (FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. – *A Construção da fachada da igreja de S. João-o-Novo (1726-1779)*. Ainda na mesma nota, indica que esse texto foi apresentado em Cáceres em 1995, Fevereiro 24, no âmbito do 3º Colóquio Luso-Brasileiro de História de Arte e que nessa data (1995) estava no prelo. Infelizmente não pude ter acesso a essa comunicação.

⁴⁴ Ver doc. V, fls 62vº

⁴⁵ Ver RUÃO, Carlos, obra citada, p. 241. Carlos Ruão sugere aí que Gonçalo Vaz possa ter estado ligado à obra jesuíta por ter morado junto ao Colégio. De facto assim parece ter acontecido; um documento do Colégio do Porto, datado de 1614, indica-nos que perto «da portaria do carro» existia uma casa que pertencia aos Jesuítas: «Outras casas logo pegadas que são foreiras a igreja de Santo André da Vargem em 400 reis que por falecimento de Isabel Francisca ficaram ao Collegio. No ultimo sobrado pousa o mestre das nossas obras enquanto elle as governa por resão do partido» (ADP, Fundo Monástico, Colégio de S. Lourenço, nº 1905, *Tombo da Renda*, ano de 1616, fls 2 v.º).

⁴⁶ VASCONCELOS, Joaquim de – «S.Francisco» e «Bento da Vitória», *A Arte e a Natureza em Portugal*, Vol I, Porto, Emilio Biel & Cº, 1902, s/n. p.

Lucas. Que me seja permitido, portanto, nesse grupo de igrejas associadas, substituir S. Bento por Grijó: a sua semelhança com as outras duas, S. João Novo e S. Lourenço, justifica o relacionamento.

Uma forte tradição arquitectónica local pode ter levado Frei Manuel da Trindade a optar, em 1673, por um projecto que, provavelmente, datava do início do século. Contemplava uma abóbada de nervuras no cruzeiro, em lugar da cúpula de Vila Viçosa e, ao contrário do que sucedeu no hospital de D. Lopo de Almeida, no edificado parece não terem sido introduzidas grandes alterações ao desenho inicial, incluindo a abundante decoração flamenga *neogothike* de Vredeman de Vries que, em S. João Novo mais do que em S. Lourenço, se espraia pela capela-mor, o cruzeiro e os braços do transepto. O templo poderia, na sua totalidade ser obra dos finais do século XVI e início do XVII. A sua conclusão em 1737 é perturbadora, e a fachada será a notável excepção a essa unidade espacial, decorativa e – falsamente –, temporal.

Provavelmente o projecto original da fachada em S. João Novo contemplava um nártex, similar ao de Vila Viçosa, ao que deve ter existido no Pópulo anteriormente à reformulação de Carlos Amarante e, certamente, na igreja mãe de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, construída entre 1556 e 1565 e destruída pelo terramoto de 1755. Quais as razões que terão levado, depois de se ter construído uma igreja «ao modo» dos finais do século XVI, a encomendar uma fachada diferente? Seria a rivalidade com os vizinhos jesuítas? Se a fachada de S. João Novo copia a de S. Lourenço (concluída em 1709), como terá o autor do projecto encomendado entre 1700 e 1703 – segundo Ferreira-Alves possivelmente João Pereira dos Santos⁴⁷ – tido acesso ao traçado do frontispício do Colégio, então ainda em construção? Poderemos estar frente ao mesmo projectista? Não é, de todo, impossível. A fachada jesuíta é uma obra-prima do Maneirismo português, impressionante trabalho de superfície, da licença controlada pela regra de que falava Vasari, em que é possível detectar a estrutura elevatória gótica, rematada por «desfuncionalizados» frontões, extrapolada das gravuras do «Livro Extraordinário de Portas» de Serlio.⁴⁸ Embora o frontispício de S. João Novo seja de muito menor qualidade, uma espécie de versão comprimida, confusa e menos «flamenga» – sobretudo pela ausência das aletas, – essa perda de qualidade poderá estar relacionada com o facto de, por ter sido iniciada apenas em 1725 e concluída em 1779, estarem já definitivamente ultrapassadas todas as condições que produziram a unidade da arquitectura «longa» de que temos vindo a falar. Sinais disso serão as diversas hesitações visíveis no frontispício e a presença de elementos naturalistas tardo-barrocos nos seus níveis superiores que, com o seu peso sensorial, confundem e distorcem a geometrização abstracta do desenho maneirista ainda observável no primeiro nível.

Apêndice Documental

DOCUMENTO I

ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/26/9/7 cx 362 (3), *Prazos*, 1604, Fevereiro 5, fls 69

Contrato entre o convento de S. João Novo e o mestre pedreiro Pantaleão Brás para a obra de pedraria a efectuar na igreja de Nossa Senhora da Vitória

⁴⁷ Ver FERREIRA-ALVES, Jaime, obra citada, p.190

⁴⁸ SERLIO, Sebastiano- «The extraordinary boo of doors», in *Sebastiano Serlio on architecture*, vol II, New Heaven and London: Yale University Press, 2001, p. 469. É marcante sobretudo a estampa VII.

«Contrato e fiança de Pantaleão Bras para a obra na igreja de Nossa Senhora da Vitoria

Em nome de Deos amen. Saibam quantos este publlico estromento de contrato obriguação e fiança virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil seiscentos e quatro anos aos cinco dias do mes de Feveryro do dito ano nesta muy nobre e sempre leall cydade do Porto no mosteyro de São João da hordem dos Heremytas na caza do capitollo do dito mosteyro. Estamdo presentes e juntos os muito devotos e relegiosos padres frey Agostinho Mendonça pryor do dito mosteyro o padre frey Máximo procurador e frey Jnacio do Esperyto Santo e frey Fellipe da Lus deputados, estando juntos em capytollo chamados a elle como ho tem de seu bom e antiquo costume per som de campa tangida especiallmente pera este contrato fazerem todos de huma parte no fim esta escritura asynados. E da outra parte estamdo tambem presente pesoallmente Pantalleão Bras mestre (fls 69vº) das obras de pedraria morador a Porta de Syma de Villa desta cydade da bamda de dentro. Por elles padres prior procurador e deputados foy dito perante mym tabellyão e testemunhas todo ao diante nomeado que hera verdade que elles tinham obriguação mandar fazer certas obras de pedrarya na hygrea de Nossa Senhora da Vitorya desta cydade sytta na rua de Sãomyguel della porquanto tinham licensa do Padre Santo pera extinguir a freyguesia deste seu mosteyro de São João pello que avião de mandar acrescentar has suas custas ha dita higreya de Nossa Senhora da Vitoria. E por esse respeito estavam comsertados e contratados com elle Pantalleão Bras que presente estava pera lhe aver de fazer na dita higreja de Nossa Senhora da Vitorya a obra de pedraria seguinte. Item a saber que acrescentara na dita higreja da Vitorya co (...) (1) eea groçura das paredes que estão feitas de ambas as bandas pera honde hora (fls 70) esta a capella da dita higreya quinze pallmos em vão. E fara huma fresta no corpo da higreya conforme as que estão feitas que sera homde melhor lhes parecer em comrrespomdencya das outras. Item e asy fara mais huma capella de vinte pallmos em quadra e em vão. Item e fara hum arco de pedrarya lavrada conforme ao da capella deste seu mosteyro de São João e na dyta capella huma fresta de seys pallmos em allto e tres de larguo de pedra lavrada. Item ladrilhara a capella a sua custa damdo elles padres ho ladrilho qual barro e aguoa para yssso somente que sera de ladrylho cortado. Item fara dous degraos de pedra pera ho alltar mor de pedrarya lavrada ordinayos. Item assy hum vão pera as gualhetas na dita capella da bamda da Epistolla. Item e da houtra banda (...) (2) allmrio pera hos santos ollyos e os ditos padres darão a pedra que for necesaria pera ho dito allmaryo a quoaill elle mestre lavrara. E a alltura da capella mor sera (fls 70vº) conforme e da alltura da do corpo da higreya. Item correra a cornija do comprymto dos quinze pallmos da hygrea que acrescenta da bamda do rio que fique respomdedo com ha outra que esta feita. Item a capella sera de seu alljeros de telha de duas ordens. Item elles padres darão toda ha telha pera toda a obra e a qual pera guoarneser ho telhado e alljeros e qual saybro e aguoa pera ho ditto telhado e alljeros. Item a pedra qual saibro e auguoa pera ha demays obra dara elle mestre a sua custa. A quoaill obra fiquara toda perfeita acabada e quayada e cafellada de suas mãos a sua custa delle mestre e bramqueada pella bamda de demtro. A quoaill obra fara elle mestre em preço e contya de quatrocentos cruzados em dinheyro de contado pera elle mestre com tall comdição que passamdo de sessenta braças toda ha obra que elle mestre ha de fazer em que entra allyserse e fundamento e paredes e empena lhe (fls 71) darão por cada braça da dita parede mil e quinhentos reis damdo elle mestre toda ha pedra barro quall e aguoa e tudo ho mais necessaryo. E semdo menos braças das ditas sesemta elles padres lhe descomtarão do dito preço de quatrocentos cruzados a mill e quinhentos reis por cada braça e elle mestre derrubara a sua custa a parede da bamda da capella pra fazer e acrescentar esta obra. Item pora todos hos andaymes e toda ha fabriqua que for necessarya pera ha dita obra de sua mãos de pedraria a suas custas pello dito preço como dito he com seus chenturões de maneyra que fique obra firme e muito segura e perfeita. A quoaill obra segurara muito bem na forma do direito e a dara perfeita e acabada te dia de São Miguel de Setembro prymeiro seguynte deste presente ano de seisentos e quatro anos. E os cunhaes da dita obra serão desbastados (...) (3) hos (fls 71v) quaes quatrocentos cruzados elles padres lhe hirão damdo tanto que elle mestre fizer a dita obra tamto que nella for trabalhamdo diguo conforme nella for trabalhamdo. E lhe darão loguo trinta mill reis ha essa conta pera comesar ha dita obra de maneyra que semdo a obra acabada lhe acabarão também de pagar o preço della. E depouys da dita obra feyta sera vista por officiaes da dita obra que lho bem emtemdam de maneyra que sera obra perfeita e acabada firme segura conforme he obryguado. E semdo pssado ho dito dya de Sãomiguell de Setembro sem ha dita obra de todo estar acabada elles padres poderão tomar officaes a custa delle mestre pera que a acabem. E desta forma estavam comsertados e contratados e pera ho asy elles padres compryrem e paguarem obryguaram seus bens e remdas deste seu mosteyro. E pello dito Pamtalleão Braz que presente estava foy (fls 72) dito perante mim taballião e testemunhas todo o diante nomeado que elle aseytava este comtrato e obriguação e se obriguava fazer ha dita obra a sua custa perfeita e acabada da maneyra tras declarada pello dito preço detro no dito tempo atras declarado sob a dita pena e pera ho asy ompryrr obriguou sua pesoa e todos seus beens movens e de raiz

avydos e por aver. E se horbigua que ha dita pedra sera mutto boa e de receber allva e forte. E disseram elles partes que toda ha quall diguo diseram ells padres que toda a quall que elle mestre houver mister pra ha dita obra se obriguam a lha dar posta neste mosteyro a vintem ho allqueyre que sera somente a quall que elle mestre tem diguo que elles padres tem. E elle mestre ho aeytou e per (...) (4) eles padres a fazer ha dita obra no dito termo elle mestre presentou per seu fiador e principall paguador a Bastião de Sousa (fls 72vº) pedreyro morador na rua de São Bento das Freyras desta cydade que a todo presente estava. Pello quoall foy dito perante mim taballyão e testmunhas que elle fiquava como loguo de feito ficou po fiador e principall paguador do dito Pantalleão Bras ha que elle faça e acabe ha dita obra dentro no dito termo que he ate dia de Sãomiguell primeyro seguinte pello preço de cento e sesenta mill reis semdo as ditas sesenta braças tudo da maneyra atrás declarada. E asy fica por fiador e principall paguador dos ditos trinta mill reis e todo ho mais dinheyro que elles pdres lhe derem ha conta da dita obra que onstara por conhecimentos e asynados delle Pntalleão Brás pera ho asy pagar removía sobre a sua pessoa bens e fazemda toda a obriguacão delle Pantalleão Brás (...) (5) sua propria. E pera o (...) (6) obriguou sua pessoa e todos seus beens moveens e de raiz avidos e por aver e por especill hipoteca (fls 73) asy hipotecou as suas casas em que vive sobradadas de dous sobrados e hum cazall que tem na freiguesya de Tarouquella comcelho de São fins. E elles pdres ho aseytaram e elles partes huns e houtros todo prometeam ter manter compryr e pagar e contra ho sobredito não hirem em parte nem em todo em juízo nem fora delle por sy nem po outem de feito nem de dieito. Para ho que renumsyaram todas leys dyreitos e ordenações a que se possam chamar e a ley e direito que dis que a gerall renunciação de leis feita não valha com too ho mais que faça ou possa fazer em seu favor renusyando gerall e espesyll cada quaoall per sy. E elles mestre e fiador se obriguam respomder a elles pdres pera ho comprimento do sobredito demtro nesta cydade perante ho juiz de fora della hou (...) (7) padres respomderão pera ho paguamnto do sobredito peramte ho viajairo gerall des (fls 73vº) te bipado pera ho que hun e outros renunciaram e se desaforaram de juizes de seu foro. E em testmunho e fee de verdade asy ho diseram e outorguaram e todo mandaram escrever neste meu livro de notas que eu taballião lhes ly perante as testemunhas ao diante escrytas homde todos asynaram do theor do quoall pediram cada hum seu estromento e os que lhe mais compryrem. Item declararam elles partes que se aporveitara elle mestre de toda ha pedra que derrubar da dita parede pera esta obra prestamdo ella pra yssso. E asy ho outorguaram e eu taballyão ho aceitey por respeito de meu officio por parte das pesoas ou pessoa a que comptyr e toquar quoaamto com direyto se requer e devo e posso estamdo a todo po testemunhas presente Belchior Fernandez coreyro do mosteyro de São Dominguos morador na rua que vay de São Dominguos pera ha higreja da Vitoria e Manoel de Sousa cryado de (fls 74) Lourenço Ferras de Meneses e morador junto do dito mosteyro e Antonio da Cunha familiar delles padres naturall de Montemor eu João d'Azevedo taballyão ho escripvy. Item declararam mais elles partes que na comta das ditas braças de parede e no dito preço de mil e quinhentos reis emtrara toda a parede groça e delguada que elle mstre fizer. E asy ho outorgaram. Testemunhas as sobreditas. Sobredito tabalyão ho escripvy. O quoall estromento de contrato obriguacão e fiança eu sobredito João d'Azevedo taballyão pubbliquo de notas por Sua Magestade nesta cidade do Porto e seus termos treladey bem e fielmente de meu livro de notas homde por mim esta esrito e pellas partes e testemunhas asynado com ha quoall o comsertey e em testemunho e fee de verdade escripvy e aquy asinei de meu pubbliquo sinall fis que tal he»

Segue-se o sinal do tabelião

Notas

1 a 7 – ilegível por o documento estar deteriorado

DOCUMENTO II

ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/26/9/7 cx 362 (3), *Prazos*, 1604, Fevereiro 19, fls 75

Contrato entre o convento de S. João Novo e o mestre de pedraria Pedro de Beja sobre a obra de carpintaria a efectuar na igreja de Nossa Senhora da Vitória

«Em nome de Deos amem. Saibham quoauntos este estromento de contrato e obriguacão virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jhesu Christo de mil seyscentos e quatro anos aos deznove dias do mes de Fevreyro do dito ano nesta muy nobre e

sempre leall cidade do Porto no mosteyro de São João ho Novo que he da hordem do bemaventurado Santo Agostinho da hordem dos Heremytas na casa do capitolo do dito mosteyro estando hy presentes e juntos em capitollo chamados ha elle por som de campatanga como tem de seu bom uso e costume antiguo hos muyto devotos e religiosos padres frey Agostinho de Mendonça pryor do dito mosteyro e frey Maximo procurador frey Fellipe da Luz e frey Jnacyo do Esperito Santo deputados pera semelhantes casos todos de huma parte no fim desta escritura asynados de huma parte e (fls 75vº) da outra parte estando tambem presente pessoalmente Pero de Beja carpinteyro morado em a Calssada da Rellação desta cydade por eles padres pryor procurador e deputados foy dito perante mim taballyão e testemunhas todo ao diante nomeado que hera verdade que elles tinham mandado acrescentar a igreya de Nossa Senhora da Vytoria desta cydade a sua custa por respetto da lycensa que lhe foi dado para extinguirem de freiguesya este seu mosteyro porquoanto na obra de pedrarya que na dita igreya da Vytoria se avia de acrescentar e fazer avia de falltar forro e exercyca de madeyra e estavam consertados e contratados com elle Pero de Baja que presente estava pera na dita higreya da Vitoria fazer a (fls 76) obra seguinte. A saber que se hobrigua elle mestre forrar hos quinze pallmos do corpo da higreya que se ha de acrescentar hambas as bamdas de madeyra de pinho forro d'emguado acrescentando todo ho ditto forro asy e de maneyra que ho outro esta precintado perfeito e acabado ate arrematar na parede que se há de fazer antre ha jgreia e a capella. E forrara hos dous alltares das ilharguas da dita igreya por syma de madeyra. E asy forrara ha capella mor de e (...) (1) de castanho sequo e bom e de boa madeyra que seya de receber e hao pee do alltar mor pora hum tabarnacullo conforme ao comprymto do alltar e fara hum allmaryo na parede para os santos ollyos e toda ha dita madeyra sera boa secura e de receber. E ho forro da capella sera de todo ho comprymto della tam (fls 76vº) bem perfeito e acabado. E elle mestre dara toda ha madeyra e pregadura que for necessaryo sem elles padres darem nada dysso. A quoa obra fara por preço e contya antre elles presentes celebrado comtratado de quoaenta mill reis em dinheyro de contado pera elle mestre de suas mãos obra e madeyra e preguadura sem lhe darem mays cousa alguma que hos ditos quoaenta millres. E elles padres lhe darão loguo d'antemão a conta da dita obra e preço dela trinta cruzados de que elle mestre dara conhecimento seu a elles padres. E ha demazia do mays dynheiro lhe irão dando tanto que elle mestre fizer ha dita obra conforme ele for trabalhando a quoa acabada também lhe acabarão de pagar o sobredito. E o forro dacapella ha de ser do tamanho della que he de vinte pallmos em quadrado com seus emtabollamentos (fls 77) . E o dinheyro que lhe forem damdo a conta da dita obra por assynados delle mestre que valham com escrituras pubriqua. E desta maneyra estavam concertados e elle mestre se obrigouo fazer e acabar a dita obra ate todo ho mes de Houtbro prymeyro seguinte deste presente anno de seiscentos e quatro tanto que a obra de pedrarya for acrescentada e acabada dahy ha hum mes prymeyro seguinte sob pena que não ho fazendo e acabamdo no dyto termo que elles padres possam por officiaes do dito officyo mandar fazer e acabar a dita obra a custa delle mestre. E elle mestre asy se obrigouo ho fazer compryr por sua pessoa e todos seus beens moveens e de raiz avydos e por aver e elles padres se obrigaram por hos beens e remdas deste mosteyro lhe pagar os ditos (fls 77vº) quoaenta mill reis da maneyra sobredita. E huns e outros asy ho outorgaram e aseytaram e pera ho comprirem renumsyaram todas leis direitos e hordenações ha que se possam chamar fereas geraes e especiaes e a ley que diz que a gerall renuncycação de leys feita não valha com todo ho mais que faça hou possa fazer em seu favor renumsyando gerall e especiall cada quoa per sy. E semdo por ysso citados responderão huns aos outros dentro nesta cidade a saber elle mestre perante ho juiz de Fora della ou do corregedor do Civel desta Rellação e elles padres perante ho vigairo gerall deste byspado pera ho que renunciaram e se desaforaram de juizes de seu foro homde compryrão ho sobredito como he declarado. E em testemunho e fee de verdade asy ho disseram e outorgaram (fls 78) e todo mandaram escrever neste meu livro de notas que eu taballyão lhes ly perante as testemunhas ao diante escrytas homde todo assynaram. Do theor do quoaall pedyram cada hum seu estromento e os que lhes mays compryrem. E eu taballyão ho aseytey por parte das pessoas hou pessoa que competyr e toquar quoaanto de direito se requer e devo e posso por rezão de meu officio. Testemunhas que presentes estavam Antonio da Cunha familiar delles padres e Balltezar outrossy seu familiar e Antonio Dias trabalhador morador a Fonte das Vertudes. E eu João d'Azevedo taballyão ho escripvy. Ho quoaall estromento de contrato e obrigação eu sobredito João d'Azevedo taballyão pubrico de notas por Sua Magestade nesta cydade do Porto e seus termos treslaley bem e fiellmente de meu livro de notas com ho quoaall ho consertey. Em testemunhode verdade aquy assiney de meu pubrio synall que tal lhe».

Segue-se o sinal do tabelião

Notas

1 - Ilegível

DOCUMENTO III

ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/16/1/49, 1617, Dezembro 30, fls 40

Apontamentos do Concelho sobre a água da Fonte das Virtudes para S. João Novo

«Estes são os apontamentos da cidade

1 No que toca a obra, estaa contratada a outro official mas por dar gosto aos senhores Prior e convento de S. João Gonçalo Vas a traçara na forma que fique a seu contento

Ha cidade se obriga na forma que se pede sobre a seguraça da agoa, que lha não impedira, a levarem ha agoa na forma que hoje a levão, e lha segurara ha arqua.

3 # No que toca a arca e portas assy se fara como se pede.

No que toqua ao lageamento do pateo, quoando não aia 4 perigo nem damno na agoa sendo necessario para fiquar ao nivel dos canos abaixar a terra por não se deçer por degraos para elles, nos farão vir com se fazer a arqua na forma que em principio tinhão dito e com se não bollir no que toqua ao prinipio do cano por onde vem.

E no que toca ao nacimiento da agoa se fara ho lageamento na forma que se apponta, mas has paredes parece que assy como hoje estão devem de estar pois não altera nada

No que toca ao travessar do cano, se fará com padieyras, ou de modo com que se possa ver e alimpar as vezes que for neçessario.

Todas as vezes que por culpa do caminho o cano e o mais que se diz receber damno, a cidade o concertara

A cidade se obriga a fazer humas casas de sorte e tamanho das que se hão de derubar, porem lembra, que as que (fls 40vº) hoie estão em pee, são causa de grande escandalo, por causa de quem nellas vive, e porventura crescerá muito mais, he as ocasiões, quando se mudem as casas pera junto da fonte, e asi parecia muito mais conveniente aceitarem os padres o preço que as casas hoje valem para o converterem em outra officina de proveito do moesteiro, ou hão de ser contentes que avendo de se fazer casa, seja muito longe da fonte e metida muito dentro da cerqua, mas como isto não fica acomodado o melhor será não haver.

As arvores serão dos padres.

E no que toca aos sobeios da agoa não nos consta de posse nem de direito que o mosteiro tenha, por ir dar ao rio de São Pedro, e ser necessário para a lavage da gente.

No que toqua ao fogo pagara acidade o que lha couber pro nata, do que a propriedade foreira paga há São Pedro

#Não vindo a provisão para e dar algumas esmollas aos padres a cidade teraa respeito ao que pedem no ultimo capitulo»

DOCUMENTO IV

ADP, Fundo Monástico, Convento de S. João Novo, K/16/1/49, s/d, fls 41

Apontamentos sobre a escritura da água da Fonte das Virtudes para o convento de S. João Novo

«Apomtamentos e lembranças que avemos de por na escritura que fizemos para segurar a nossa agoa e cano no pateo por onde ella vem

Primeiramente, pedem os padres que o mestre das obras deste convento, que se chama Gonçalo Vaz, faça esta obra: ou elle dee ordem a se fazer, no que toca ao chão donde agoa corre para a arca, que ha de ficar em rossio e pateo. E ho assy que toca ao cano que há de ficar debaixo do caminho e parede junto dele

Se obrigua a cidade a nos segurar a nossa agoa.

2 em todo tempo e com todas as clausulas necessárias.

#Nos fara mais outra arca sobre a que esta feita

3 com huma porta de ferro, ou de pao muito bem chapeada de ferro, com que sempre fique segura e fora de periguo algum por que se posa vir a agoa halimpar todas as vezes que for necessario.

O lageamento do pateo e rossio donde esta a nosa arca

4 ficara na altura da terra.como agora esta. E a arca da agoa ficara levantada asima do lagiamento que se fizer da mesma maneira

Donde nasce a nosa agoa, te a nosa arca onde se mete, se farão humas paredes de pedra e cal e por sima dellas se porão humas fiadas de lageas em cada huma das fontes donde a agoa nasce te a arca para se poderem alimpar todas as vezes que for necessário, para senão desfazer o lageamento do pateo e se saber per onde a agoa corre.

(fls 42vº) # Aonde atravessar o cano se farão arcos de maneira que fique o cano livre para se poder comçertar todas as vezes que for necessário.

Todas as vezes que per culpa do caminho se desmanchar o cano e tudo mais que entra no pateo onde temos a nossa arca e agoa se obriguara a cidade a concertar, ou sera per ruinar as paredes ou per qualquer via da obra que se vai fazendo de maneira que se a cidade senão puder ajuntar para dar ordem ao concerto do cano ou o que for necessario, em tal caso o corregedor da Comarca, ou o Juiz de fora em sua auzencia ou quem seu cargo servir, ou o procurador da cidade, mandarão logo tanto que os padres os requererem concertar todo que for necessario para que ho mosteiro não padeça de ter mister d'agoa. E venha na perfeição como agoa corre e todas as perdas e damnos que padeçer o dito mosteiro na falta d'agoa que for culpa da cidade assim fará pela via que esta dito.

Assy os arcos como a aprede perto da arca, padieiras e legeamento se limitará o tempo ao mestre para se acabar ou quem tiver cuidado desta obra.

Lembro a Vossas Mercas que se paga de tres quintaes a Coraria da See cada anno cento e sincoenta reis de foro. E a igreja de São Pedro de Miragaya outros cento e sincoenta reis

Não vindo os mil cruzados que Vossas Mercas nos fizeram merce informar a Sua Magestade para as obras deste mosteiro e em gratificação do quintal de sima que lhes largamos em tal caso terão respeito no que for avaliado o quimtal de cima, porque são bens de legado que se ha de comprar ou huma cousa equivalente. (fls 42) E nos pagarão o dito preço e valor do dito quintal.

Conforme a mesma provisão de sua magestade que tem esta cidade para por ella tomar tudo o que fosse necessario para o caminho da fonte das Virtudes ficar na perfeição que pedia a tal obra, tomarão mais per ella aos padres de S. João Bautista o seu quintal que fica abaixo da arca de sua agoa e justamente por aver grande inconveninete peguado a fonte aver casas. O que todo visto e considerado hatras fizeram assy o chão do quintal abaixo como as casas em cento sincoenta mil reis forros para elles vendedores, e nisto foy valliado per validadores assy do mosteiro como da cidade. E conforme a provisão de Sua Magestade não era necessário os padres mandaem a Roma buscar licença conforme suas leis per isso largamos asi o quintal de baixo como o decima como fica dito. Hen caso que sua magestade não pase provisão pera se darem os mil cruzados aos padres sobre que a cidade informou elles juiz e vereadores e procurador em nome da mesma cidade se obrigam a pagar ao dito mosteiro o preço do quintal de sima conforme foi avaluado com (fls 42 vº) a tersa parte daquilo perque foi avaluado ou se o que en que foi avaluado pareser aos padres (?) que he o que val. E pera comprimento de todo os sobreditos obrigaram todos os beens e rendas da cidade e responderemos por tudo o conteudo neste contrato e suas depnedensias perante o corregdor do Civel desta Relasão e pera esto renunsiamos todas as leis privilegios liberdades fereas geraes especiaes. E sendo caso que a cidade venha algum dia contra este contrato ou quaoquer parte delle, asi per via de embargos como de ausão ou per outro quaoquer modo que seia não será com nenhuma cousa ouvida, sem primeiro depositar na mão do padre prior que oie he e ao diante for, os mil cruzados que pretendem aver e asi tudo aquilo en que o dito quintal asi de sima como de baixo for avaluado, porque para isto todo o ão por abonado des agora pera então e de então para agora. E esta clausola mandaram elles partes por e contra ella nem contra o mais conteudo nesta escritura não virão nunca em tempo algum. E no que toqua a agoa dos padres desconcertando se por causa do caminho e obra de serventia fazendo os padres padres a saber ao procurador

da cidade ou qualquer dos vereadores ou iujs indo a mandado concertar logo alem de lhe pagarem todas as perdas e danos que se receberem que será crido o padre prior que for por seu juramento ou seu procurador, tendo sua informação lhe pagarão mais mil reis por dia do tempo que a não mandarem concertar os quoaís outrosi curará o dito prior ou seu procurador e para tudo obrigaram os beens e rendas da cidade e não serão avidos sem depositar.

(fls43)

Os vereadores e procurador do convento de S. João Bautista do Porto tratarão que para a dita obra ficar na perfeição que se requer era necesario que elle procurador e padres largassem a cidade o pedaço de quintal que lhe pede, porquanto, sem elle, ficava muito pequeno o rossio e pateo defronte das Virtudes e que por isso se louvassem.

E que conforme o contrato e provisão de sua magestade se avia de fazer entre elles e a cidade perquanto se tinha entendido que fazer se a dita casa peguado a fonte era grande inconeniente assy de serviço de Deus como ao be comum e publico da cidade.

DOCUMENTO V

Memória sobre a construção do convento de S. João Novo (1)

ADP, Fundo monástico, Convento de S. João Novo nº 45/K/16/1, *Memorias Historias e Chronologicas do convento de São João Novo da cidade do Porto Fundado no anno de 1593*, ano de 1772, fls 9

«Memoria do principio do convento, das suas obras em cada triennio, e a sua despesa

Havida licença da Camara para fundarmos convento nesta cidade em 12 de Agosto de 1592, determinado o sitio da Boavista para a erecção do edificio, logo se começaram a comprar casas necessarias para a sua ostenção. Em humas dellas se erigio oratorio para a celebração dos officios divinos, exercicios da vida monástica e administração dos sacramentos emquanto se não levantava igreja. O zeloso Provincial Frei Manoel da Conceição, illustre polo seu nascimento e muito mais pelos dotes de perfeito religioso, logo no mes de Dezembro do dito anno e no de Fevereiro seguinte comprou cinco moradas de casas com seus quintaes para a fundação do novo convento, em que dispendeo quatrocentos e vinte mil reis, como consta das escrituras de compra dellas infra fls 22.

Em Abril de 1593 entrou a governar esta nova fundação ja com titulo de Prior della Frei Francisco das Chagas e continuou e os seus sucessores a comprar casas para sitio do convento, igreja e officinas. E chegaram a comprar vinte e huma moradas de casas e muitas dellas tinham seus quintaes entrando neste numero as que comprou o grande Provincial Frei Manoel da Conceição e cinco quintaes separados, ou sem casas. Em tantas e tão grandes compras empregaram ao todo dous contos quatrocentos e setenta mil e oitocentos e noventa e cinco.

Depois que o Reverendo Abbade da Igreja de S. João Baptista renunciou a dita Igreja a nosso favor, deixamos o oratorio e fomos fazer os divinos officios nella. Animados aquelles primeiros fundadores, não de mais terrenos para empreender edificio tão magnifico, como se ve no dormitorio da parte do rio Douro que foi o primeiro que se fes, mas da Providencia Divina, a cuja gloria dedicavam os laborioso trabalhos de empresa tão custosa, que so dos experimenados he bem conhecida, traçaram a planta do edificio e deram o principio a elle pelo dito dormitorio que tem de comprimento duzentos e quarenta e oito palmos e de largura mais de quarenta. Tem huma escada que da servenia a todo o convento, sacristia e officinas primorosas; tem tres ordens de janellas propocionadas ao comprimento

(fls 9vº)

e altura das paredes que são muito largas e seguras. As janellas peitoris das cellas tem dez palmos de alto da parte de dentro e seis da de fora e cinco de largo com seus cachorros e mesas de fora. Tem este dormitorio duas janellas grandes do comum e onze de cellas. Debaixo destas fica a sacristia e debaixo della outras officinas. Segue se o refeitorio, casa grande e de duas ordens de janellas,

primorosamente forrado, como também a sacristia. A vista deste dormitório he a mais e mais eminente e proxima ao rio e por isso mais agradável de quantos conventos tem a cidade; principalmente a da varanda descoberta que esta no topo do dormitório, fora delle da parte do Norte e fronteira a barra da Foz. Descortina o dilatado bairro e vistoso cais de Miragaia ate Maçarellos e ribeira do Douro e a aprazível e agradável prespectiva de Gaia onde esta situado o convento de Valle da Piedade dos religiosos Capuchos. Desta varanda tambem se logra a vista de Villa Nova de Gaia, a quem muito enobressem o convento a Serra dos Conegos Regulares de Snto Agostinho e o de Corpus Christi de religiosas dominicas. E sobretudo se faz mais agradável esta varanda pela frequente entrada e saída de navios nacionaes e estrangeiros que enriquecem esta cidade e que ella goza de muito perto, alem da passagem continua de lanchas de Villa do Conde e Povia de Varzim, de Quebrantões e Avintes; barcos de Cima do Douro e da passagem da Porta Nova e dos Banhos. No fim do refeitório para a parte do Nacente fica a cozinha, e por cima della huma espaçosa casa com duas grandes janellas rasgadas que serve de recreação aos religiosos nas noites de Inverno, com sua chamine.

(fls 10)

Quando este dormitório tivesse principio e quanto se empregasse na sua feitura não o sabemos, porque o descuido, que em todos os seculos floreceo com grandes progressos, sepultou nos alicerces delle essas noticias. De algumas, que a curiosidade de certo religioso muito posterior a dita obra nos deixou escritas, duvidamos pela experiencia que temos do pouco exame com que se escreveram e os Livros do Gasto daquellas obras desapareceram; julgariam os que concorreram para o seu descaminho que a sua existencia era superflua. Em huma pedra da escada deste dormitório se le que fora feita no anno de 1623. Não nego que assim fosse, mas por ser testemunho de pedra não he infalível.

Na parede da igreja deste convento, da parte de fora da capella de Santo Thomas de Villa Nova poseram huma pedra, em que gravaram o letreiro seguinte:

Em a era de 1673 começou esta igreja de Santo Agostinho o Padre Frei Manoel da Trindade prior deste convento lançando a primeira pedra o Excelentissimo Senhor Nicolao Monteiro Bispo desta cidade

Quem julgaria que não falasse verdade esta pedra no que diz, mediando pouco tempo do lançamento da primeira a criação desta segunda. A experiencia de semelhantes falencias e os desejos de alcançar a verdade, fez indagar melhor a chronologia e achou se que não era assim que a pedra diz.

Foi o Excelentissimo e Reverendissimo Nicolao Monteiro sagrado Bispo desta cidade do Porto, donde era natural, em 31 de Maio de 1671, e fez a sua entrada nella em 26 de Julho do mesmo anno; e morreo em 20 de Dezembro de 1672. Isto he certo pelo que agora direi: determinou o mesmo prelado em seu testamento que seu corpo fosse a enterrar a Igreja Collegiada de Cedofeita, onde elle tia sido Prior. Aberto o testamento depois de sua morte, oposeram se os conegos da cathedral a esta determinação e ordenaram que se enterrasse na Sé. O Doutor Francisco de Almeida Ribeiro, Prior de Cedofeita actual, que era o testamenteiro, fez protesto contra

(fls 10 vº)

esta determinação do Cabido o quall se lhe mandou tomar e delle consta ser a morte do Bispo em 20 de Dezembro de 1672 como digo acima. O testamento proprio e protesto esta em poder de Ayres Pinto de Meneses desta cidade e irmão do nosso religioso Frei Alvaro de Meneses e Frei Duarte de Vasocellos, o qual eu vi.

Suppondo verdadeiro o titulo da era em que foi feita a escada por não haver outro em contrario, devemos tambem supor que nesse tempo ja estava o dormitório em que ella se fundou acabado. Se todo, ou parte, não sabemos. Tambem ignoramos o anno do principio de sua fundação, sendo certa a noticia que a memoria da origem deste convento asima mencionada da, lançou lhe a primeira pedra o Senhor Bispo D. Frei Gonçalo de Moraes no ano de 1613, a prestito do governador Diogo Lopes de Sousa e de toda a nobreza da cidade. Este prelado, nosso grande benfeitor, morreo no ano de 1617 e tinha sido sagrado em 1602.

O certo he que passaram muitos anos depois que elle se principiou ate se por em termo de o habitarem os religiosos. O Padre Prior Frei Francisco do Ceo no seu biennio que começou em Abril de 1637 fez o primeiro angulo do claustro encostado ao mesmo dormitório de empreitada e lhe custou

	150 000
Gastou mais em cal madeira pregos para o solhar	022 720
Consta do Livro de Gastos do mesmo prior fls 27-31- 46.	

O Padre Prior Frei Francisco da Luz diz no rol do capitulo do anno de 1641, falando do melhoramento do convento, o seguinte:

Fica este convento melhorado em metade do dormitorio que se fez e forrou de novo de bordo e nelle se fizeram seis cellas de novo com suas alcobas. E assim mais se fizeram outras duas cellas onde antes estava a razoura. Com que ficaram sendo agora treze cellas por todas. No Livro do Gasto do mesmo prior consta que gastou nestas obras

527 470

Entendo que as ditas seis cellas são as que ficam da

(fls 11)

escada conventual para o nacente, ou Ferraria de Baixo: e que nesse tempo ja estavam feitas as da outra parte do dito dormitorio da banda da barra, ou poente. Este assento do rol do capitulo de ficar o convento melhorado em metade do dormitorio não se deve entender das paredes delle, sim de sua armação, travejamento, portas e janellas e factura dellas e forro, estando as paredes do dito dormitorio feitas. Porque se tambem as fizesse havia de gastar na sua feitura muito mais do que 527 470; e no corpo do Livro do Gasto se não acha lançada semelhante despesa de paredes e so a de madeiras e carpinteiros. A lembrança do rol do capitulo deste convento do anno de 1639 me confirma nesta intelligencia, quando diz que nesse biennio se fizera o angulo do claustro encostado ao mesmo dormitorio, logo as paredes desse dormitorio já estavam feitas; logo o assento do capitolo de 1641 so se há de entender do que se fez dentro das paredes do dormitorio, que já estava feito, e não das mesmas paredes

O Prior Frei Francisco de Vasconcellos que começou em Abril de 1643.

Forrou o refeitório; faltam no livro algumas folhas do que nelle gastou ao todo. Mas ja tinha lançado 70 215

O rol do capitulo do Padre Prior Frei Antonio da Fonseca de Abril de 1665 diz que elle fizera o contrato com a camara para se meter a agua da cidade nos nossos canos, mas a nossa custa, no que dispendera, e no tanque para regar a cerca, mais de 11 400.

O Padre Prior Frei Manoel da Trindade, no seu primeiro triennio que começou m Abril de 1672.

Fez as portas do refeitório que nesse tempo servia de igreja como diz o rol do capitolo do anno de 1675

(fls 11vº)

de pao de angelim com almofadas de pregaria.

No 3º triennio deste prior fizeram se cinco cellas. Entendo que são as que estão sobre o angulo do claustro contiguo ao mesmo dormitorio da parte do rio

O Padre Frei Jose de Sousa que foi prior desde 1676 ate 1700.

Fez o angulo do claustro encostado a Igreja e a portaria do convento a fundamentis no que gastou 1: 242 822

Forrou o angulo do claustro da parte do rio e a via sacra no que gastou 75 220

1: 318 042

	114 000
Gasto do tempo do Padre Prior Vasconcellos na lauda atras	070 215
do Padre Prior Luz	527 470
do Padre Prior do Ceo	172 720
	2:202 447
As paredes e escada do dormitorio da parte do rio de cuja despesa não ha lembrança, por faltarem os livros desse tempo, ao menos havia de custar	4: 000 000
	6: 202 447

(fls12)

O Padre Mestre Frei Manoel de Cerqueira no seu triennio de 1700 a 1703.

Fez a parede do dormitorio da parte da Ferraria da parte de fora a fundamentis ate o friso do telhado. Este dormitorio que principia na rasoura e termina na porta do carro tem dous portaes grandes, seis frestas com grades de ferro, oito janellas rasgadas pela banda de dentro e pela de fora com a face de frestas e oito janellas mais para as cellas dos religiosos com cachorros e mesas pela parte de fora e por dentro com assentos oito cantareiras. Tem huma janella grande de sacada do comum quasi no fim do dormitorio perto da porta do carro. Custou esta grande obra

1: 822 340

Nesta soma entra o gasto do cimento da outra parede do mesmo dormitorio da parte da igreja, que ficou feito ate a face da terra em comprimento de sete braças e meia e duas de altura. Mandou fazer o risco do frontespicio da Igreja.

O mesmo Padre Frei Manuel de Cerqueira começou segundo triennio de priorado e o continuou ate 23 de Agosto de 1704 e nesse tempo:

Fez a parede do dormitorio da parte da rua entrando tambem a parede da torre junto da portaria com frestas, janellas e portadas que hoje tem; e gastou nella

944 754

O Padre Frei Francisco Auplante entrou a prior e tambem seguiu a empresa do antecessor.

Fez a portaria e paredes immediatas, abobadas e cobrio o antecoro, no que dispendeo alguns

810 134

3: 577 228

Quatro castiças de prata para o altar mor

Neste tempo fizeram os irmãos da Senhora da Guia quatro castiças e huma lampada de prata

Fizeram se as imagens de Santa Monica, de São João de Sahagun, Santa Verónica, Santa Clara de Monte Falco reformadas e pintadas de novo.

(fls 12 vº)

O Padre Prior Frei João Brandão no seu triennio que teve principio em 1706

Fez a parede do dormitorio da rua da parte do claustro madeiro-ou (sic) e telhou todo; fez as abobadas das casas que ficam debaixo do dormitorio e as mesmas casas e ja as deixou alugadas. Gastou nestas obras

1: 375 736

Para a factura das casas, que se alugam debaixo do dormitorio deo o Padre Frei Jeronymo da Luz seiscentos mil reis de que recebeo de tença enquanto vivo 40 000.

Faleceo em Braga sendo reitor o Padre Frei Manuel de Santa Rosa em 1748 ou 49.

Em 26 de Julho de 1706 aceitou o concelho este contrato, mas so no triennio seguinte se lhe começou a pagar a tença. Livro dos Concelhos 46. A qual cobrou 38 annos que somaram 1 520 000. Não foy mao contrato.

O Prior Frei João de Vasconcellos que entrou a prior deste convento em 1709.

Fez a parede da parte do claustro do dormitório da banda da Ferraria, as secretas, armou de madeira e telhou todo esse dormitório e fez huma cella nelle.

Neste triennio fizeram os irmãos das Almas a sacristia que hoje tem debaixo da varanda do convento, e nesta pos a comunidade sete piramedes, assentos, azuleijo, varões de ferro e em todas estas obras de varanda e dormitório empregou o convento
1: 370 349

O Padre Frei Manoel Vieira entrou a prior em 1712.

Forrou o dormitório da banda da Ferraria, fez seis cellas nelle e pos rotolas em todas as janellas das cellas e do comum em que dispndeo

514 230

3: 260 315

3: 577 228

6: 202 447

13: 039 990

(fls 13)

13: 039 990

No quadriennio do Padre Prior Frey Jeronymo da Luz, que começou em 1718.

Ficou solhado o antecoro e dormitório da rua e tabiques e portas das cellas com rotolas pintadas, em que dispndeo

197 467

13:287 457

Sendo Prior Frei Manoel de Santa Rosa que começou em Aril de 1760, deo o Senhor Bispo a principio a obra dos dous angulos do claustro, que era de maior necessidade, a fundamentis, e se concluiu e a das cellas sobre elles da parte do nascente e do norte, e das do dormitório da parte do nascente, no triennio seguinte, sendo prior o Mestre Frei António Leal. Os 4 angulos do claustro no andar do refeitorio lagearam se. Refizeram se todas as cellas do dormitório da parte do nascente por terem dado muito de si as traves. No pavimento deste dormitório fes se huma dispensa que tem porta para a cozinha; segue se logo a elle a Casa do Deprofundis com porta para o claustro, tem 32 palmos de comprido e 34 de largo, 2 janellas com vidraças, lageada e forrada de castanho. Pegado a ella segue se hum corredor lageado com tres casas para moços e cavalhariça com janellas e portas de castanho; fica logo hum cazarão para lenha onde está a porta de carro e a da cerca.

Por cima destas oficinas e casas, no segundo andar do claustro, fica hum dormitório de 112 palmos de comprido, e nelle a casa de razoura, 4 cellas, janella do comum e a livraria que tem 52 palmos de comprido e 31 de largo, todo solhado de pinho de Flandres e forrado de castanho, como tambem as portas, janellas e as cellas com suas alcobas forradas; a livraria com suas estantes de castanho e 5 janellas com vidraças e tecto pintado com duas mesas grandes 8 cadeiras grandes de sola lavrada com pregaria oleada e dous assentos rasos da mesma sola.

Por cima destas cellas e livraria fizeram se todas as cellas de novo com fortissimas traves todas postas de novo em todas estas obras e todas as cellas com alcobas em

todo o dormitório que corre de norte para sul.

(fls 13 vº)

No terceiro andar do claustro nos dous angulos que se fizeram de novo, fizeram se 7 cellas com algumas casas para despejos; e todas estas cellas solhadas, forradas com portas e janellas de castanho, guarda po e telhadas. Todas as cellas tem alcobas.

No triennio do Prior Mestre Frei António Leal fez se hum grande concerto e acresceto no orgão por ordem do Senhor Bispo, o qual custou 200 000 [...]

(fls 57)

[...] Obras da Igreja e despesa dellas desde o anno de 1672 a 7 de Agosto [...]

(fls 58)

[...] A obra da Igreja correspondente ao edeficio do convento era necessaria para perfeição delle e para fechar a clausura, mas a falta de meios para as despesas que nella se deviam de fazer demorou a dar lhe principio ate o anno de 1672, em que Deos quis viesse prior deste convento o apostolico varão Frei Manoel da Trindade para empreender esta grande obra. He tradição ainda hoje continada neste convento a pronta assistência da Providencia divia que este prelado experimentou na solução das ferias aos officiaes; pois não tendo dinheiro para as satisfazer, saia do convento a pedir esmolas e sempre achava a quantidade necessaria para isso.

Em 7 de Agosto de 1672, dia dedicado a São Caetano fundador da religião da Divina Providencia lançou o Excelentíssimo Senhor D. Nicolao Monteiro Bispo en^{pl} (2) desta cidade a primeira pedra na nova Igreja com assistencia de grande e luzido concurso. Na designação do dia manifestou o fundador que na Providencia Divina firmava os meios para empreender tão grande obra, que pedia avultada despesa para que não havia meios humanos. A magnificencia da obra logo no principio publicava que o fundador não temia lhe faltassem meios de a continuar. Para mais claro conhecimnto e percepção do que este grande prior adiantou a obra da Igreja nos 4 triennios em que foi prior, e do que nella fizeram os seus sucessores, referirei o que se fez e gastou em cada triennio, desde o seu principio ate o presente. Ms he preciso fazer lembrança do que se tinha feito e dispendido na sacristia ate esse tempo.

O Padre Prior Frei Martinho Caldeira, que governou este convento desde Aril de 1659 ate Abril de 1661

Forrou a sacristia de castanho com mulduras, painéis, rozas douradas e tarje de Nosso Padre dourada. Assim o diz o Livro do Gasto no melhoramento, mas não se declara quanto custaria porque hum benfeitor religioso a mandou forrar a sua custa e aina hoje se le a nossa ingratição em lhe mandar tirar o rol da sua (...) (3) mas na primeira tarja do mesmo forro. He tradição que o nosso Prior Frei Martinho do Couto filho 2º do conde de Unhão a mandara forrar. Forro a Via Sacra. Melhoramento do Convento do anno de 1665, fol. 155.

(fls 58 vº)

O rol do capitulo do Prior Frei António da Fonseca que acabou em Abril de 1665 diz que se comprara hum cofre de tartaruga com chapas de prata para o Santissimo Sacramento. Não declara quanto custou

No biennio que começou em Abril de 1665, em que foram Priores o Prior Frei Manoel Leal e Frei João da Nazareth fizeram se os caixões da sacristia de pao preto com ferragem de bronze dourada e hum contador para amictos do mesmo pao e custaram 80 000. Rol do capitolo de 1667. 080 000.

Deste biennio para diante não tornaram vizitar a provincia os visitantes.

No triennio seguinte, em que foi Prior Frei Diogo Caldeira, que acabou em 1670, fizeram se duas gurdaroupas de pao de angelim para a sacristia; hum contador com 30 gavetas para amitos com ferragem dourada; hum bufete para os calices que se mandou vir de Lisboa; hum bufete e cadeira para o sacristão; galhetas de prata com seu prato. Rol do capitulo.

No biennio do Prior Frei Francisco Henriques, que acabou em 1672, fizeram se huns castiças de prata que custaram 101 500; a imagem do Nosso Padre Santo Agostinho estofada de ouro e a de Christo, que serve para o descendimento e se mostrar no calvário 101 500.

O Padre Prior Frei Manoel da Trindade, que entrou a governar este convento em 1672 e tomou posse delle em 12 de Junho, vindo do convento de Villa Viçosa, onde era conventual, comprou hum prato e gomil de prata que tinha de peso, fora o feito, 59 000 e huns castiças pequenos de prata que custaram

8 000 80 000

Este prior, que começou a igreja como acima disse, fez no seu 1º triennio o lado da capella mor da parte da Epistola com cornija, friso, architrave, porta, credencia, tudo de cantaria lavrada de varia architectura.

Fez o lado o lado (sic) do cruzeiro da parte da Epistola com duas capellas colateraes arrematadas de seus frontespicios tudo de cantaria.

Lançaram se os cimentos e ornamentos de todo o cruzeiro 261 500

(fls. 59)

da lauda retro 261 500

e da capella do Senhor dos Passos.

Fez a Via Sacra com huma casa por debaixo para despejos da sacristia pegada á capella mor da parte da Epistola e huma varanda com seus pedestraes, e grades de ferro por cima da dita Via Sacra.

Gastou em todas estas obras 873 205

Desde 1675 ate 78, 2º triennio do mesmo prior.

Fez o lado da capella mor da parte do Evangelho a fundamentis com duas capellas colateraes e toda a abobeda da mesma capella mor de pedraria com sua credencia e tumulo.

Fez huma tribuna forrada com suas flores douradas e sua tarja dourada de janellas e portas e huma capelinha dentro com seu retabolo e caixilhos para nelles se pintarem painéis, e tudo concertado, e solhado, e hum trono para o Santíssimo.

Levantaram se as paredes dos encostos da abobeda da capella mor, e poseram se canos para despedir agua; e tudo isto se enmadeirou, telhou e ornou com grimpas e esfera. Fez a sacra com as armas da religião e o braço de Santo Thomas com a reliquia.

Importarão todas estas obras 2:217 125

Neste triennio pagou o reverendo conego Diogo Pereira huma cadeira de Escritura que se leo neste convento 20 000 cada anno.

Desde 1678 ate 81, 3º triennio do mesmo prior.

Guarneseo se de talha o trono do Santissimo, e fizeram se sete portas e tres janellas de madeira de castanho e do Brasil de almofadas

Doze quadros com suas molduras pintados de ouro e azul para a capelinha e se azolejou.

A cornija de cima da capella mor com suas piramides e grades de ferro por cima; duas escadas de pedra para subir ao cruzeiro, a cornija da capella mor e frontespicio com as armas da religião.

As paredes e cunhaes do cruzeiro com seus portados de ordem salomonica e hum frontespicio do lado esquerdo que ficou acabado com sua abobeda de pedra de cantaria, almofadas, globos e diamantes.

3:351 830

(fls.59v^o)

da lauda retro

3:351 830

Ficaram principiadas as primeras capellas do corpo da igreja, dos Passos e de São Nicolao.

Custaram esta obras

2: 387561

No 4^o, e ultimo triennio deste incomparavel prior que teve principio em Abril de 1681 e fim em 13 de Novembro de 83, quando elle faleceo

Fechou se o cruzeiro da igreja com formosa abobeda na grandeza e na perfeição.

Ficou a cornija da parte do claustro quasi acabada e a parede lavrada para o que faltava.

Ficou o grande quadro dos santos da nossa Ordem que custou 45 000.

Importaram estas obras

1:626 391

Soma do que dispendeo nas obras da igreja o Prior Frei Manoel da Trindade

7: 365 782

(fls.60)

da lauda retro

7: 365 782

O Padre Frei Manoel de Santo Agostinho succedeo no governo deste convento ao exemplar prelado Frei Manoel da Trindade desde Novembro de 1687 ate Abril de 87.

Acabou as capellas dos Passos e de São Nicoalo que principiara o seu antecessor e cobrio de abobeda a igreja correspondente as ditas duas capellas.

Vendemos aos irmãos dos Passos a capella por 200 000 em 27 de Junho de 1685, com obrigação de a paramentarem; e lhes doamos terra para fazerem casas e sepulturas.

Fez o altar da capella mor com presbyterios e escadas de pedra e ladrilhou o pavimento.

Em todas estas obras dispendeo

1: 813 596

Neste triennio deo o Padre Presidente Frei Miguel Ozorio 75 000 para huma lampada de prata para o altar onde estava o Santissimo, a mitra de prata com pedras e baço para Nosso Padre , e huma crus pequena de ouro para Santo Thomas.

O Prior Frei Antonio da Fonseca, que foi prior de 1687 ate 90.

Continuou as mesmas obras da igreja ja principiadas de pedreiros e carpinteiros nas quaes dispendeo

1:109 160

10:198 538

Em 26 de Outubro de 1689 trasladaram para esta nova Igreja o Santissimo Sacramento com festivo triduo da maior solenidade, em que pregarão os mais famigerados oradores. No ultimo dia de tarde 28 pregou o Muito Reverendo Padre Mestre Doutor Frei Francisco Vieira, lente de Prima que foi da Universiade. Devemos esta noticia, de que neste convento não ha memoria, á impressão do livro dos seus sermões; ainda que no mesmo sermão que começa na pagina 23, ha erro claro do impressor em dizer que fora no anno de 680, sendo na verdade no de 689. Á circunstantia occorrente do nascimento do principe filho do Rey D. Pedro, de que fala o sermão, devemos

(fls 60v^o)

este desengano. So da segunda mulher teve o dito rey que com ella se recebeo em 11 de Agosto de 1687 filho varão; e como o primeiro se não logrou, por viver pouco tempo, fala o sermão do segundo, que foi o Senhor Rey D. João 5 que nasceo em 22 de Outubro de 1689 e desse dia ate o de 28 era intervalo propocionado para chegar de Lisboa ao Porto a noticia do seu nascimento. Alem de que no ano de 680 ainda a igreja não estava em termos decentes de nella collocarem o Santissimo Sacramento como se pode ver

acima. Demais, o Livro de Gasto de 689 faz menção no mes de Novembro de que se tinha feito a dita trasladação do Santissimo a que assistio o nosso Provincial Frei Afonso de Carvalho, sendo Bispo desta cidade D. João de Sousa, da Casa do Redondo, que daqui passou para a Primacial de Braga e de la para Arcebispo de Lisboa, o qual nessa ocasião deo para os gastos de esmola 50 000 como declara o Livro de Recibo no anno de 1689, fol 44; e o dito Provincial deo 100.000 que no mesmo folio estão carregados.

Em 16 de Janeiro de 1692, sendo Prior o Mestre Frei Jose Guedes, vendemos aos irmãos das Almas huma casa para sacristia por 30 000

No triennio do Prior Frei Luis de Navarra, que foi de 693 ate 96, guarneceram os irmãos dos Passos a sua capella de quadros com molduras de talha e poseram as grades de pao preto guarnecidas de bronze dourado

Dipenderam se na igreja ate collocarem nella o Santissimo Sacramento em 26 de Outubro de 1689 10:198 538

(Fls 61)

O Padre Frei Jose de Sousa famoso pregador tinha sido provisor nas ilhas do nosso Bispo D. Frei Clemente Vieira e Mestre dos Noviços em Lisboa. Governou este convento desde 1696 ate 1700.

Gastou em abrir os carneiros da Via Sacra	40 000
Em rebaixar a tribuna, e puchar fora o altar mor	21 415
Na imagem de Nosso Padre e 4 anjos para a capella mor	70 000
En huma custodia	80 000
Ajustou o retabollo da capella mor em	546 000

Para o qual deram o mesmo Prior e os Padres Frei Francisco Pereira e Frei Manoel de Sousa 480 000 com a condisão de pagar o convento annualmente a cada hum delles o exorbitante redito 12 000 emquanto vivos. O Padre Frei Francisco Pereira morreo em 1709, o Padre Frei Manoel de Sousa em 1715, o primeiro tinha professado 8 Setembro de 1665, Frei Jose de Sousa em 1729 em 10 de Janeiro. Com elles dispndeo o convento em tenças 696 000; veio o convento a pagar o redito de 68 (4). Pago.

Em o 1º de Julho de 1697 vendemos aos irmãos da Senhora da Guia a capella da Senhora e sete sepulturas por 80 000.

Em 19 de Agosto de 1697 vendemos aos irmãos das Almas a capella de São Nicollao por

60 000

Elles fizeram o retabulo e o douraram, poseram os paineis, grades de pao preto e a ornaram de tudo no que gastaram mais de 800 000.

No tempo deste prior se fes a veneranda e perfeitissima imagem da Senhora da Guia

O Padre Mestre Frei Manoel de Cerqueira que entrou a Prior em 1700 comprou em Agosto de 1702 a mitra do Nosso Padre que he peça primorosa e tem de peso 11 marcos, 7 onças e 7 oitavas a 5 500 o marco; e levou 9 oitavas de ouro a 1850 e de feito 60 000; mandou a fazer em Liboa e posta no convento custou

O estofo do Nosso Padre. 015 000

Neste triennio fizeram os irmãos das Almas huma grande lampada de parata 919 005

E fizeram se e douraram se os retabulos das capellas de

(fls 61 vº)

da lauda retro 919 005

São.João Baptista, de Nossa Senhora da Vida e da Guia e Manoel Vieira de Macedo fez o retabolo da capella de Santo Thomas de Villa Nova. De 703 ate 6 fizeram se 4 castiças de prata para o altar mor; os irmãos da Guia fizeram outros 4 e huma lampada e as jmagens de Santa Monica, de São João de Sahagum, de Santa Verónica e Santa Clara de Monte Falco.

O Padre Frei João Brandão que entrou a prior em 1706 continuou o alicerce da parede da igreja da capella dos Passos ate o cunhal da torre junto do Postigo da Senhora da Esperança; no que dispendeo

38 528

A Camara embargou esta obra com o fundamento de fica estreito o transito entre ella, e as nossas casas fronteiras para servidão da cidade sobre o que ouveram varias vistorias e nesta Relação e na Suplicação julgaram que continuasse a obra por ficar transito espaçoso para a passagem de liteiras e carros.

975 533

Neste triennio poseram se na igreja as imagens de São Jose e de Santo Antonio.

No triennio do Prior Frei João de Vasconcellos de 1709 ate 12 fiseram os irmãos das Allmas a sacristia que hoje tem debaixo da varanda, e nesta pos o convento piramides assentos azulejo varões de ferro.

Dourou se o retabolo de Santo Thomas de Villanova com esmolos dos nossos religiosos e seculares.

Neste triennio mandou para este convento o Senhor Bispo de Hiponia hum proveitoso cofre de cristal para o Santissimo Sacramento.

Este cofre tem esculpidas estas palvaras. Magister Bonaventura Assistens Portugalia.

(fls 62)

da lauda retro 957 533

Sendo Prior deste convento Frei Manoel Vieira de 1712 ate15.

Deo o Senhor Bispo desta cidade D. Thomas de Almeida hum ornamento rico de tella, casula, dalmaticas e capa ainda em bom uso.

O Prior Frei Jose da Conceição, que começou a governar em 1715.

Continuou a obra da igreja desde a capella de São Nicolao ate o frontespicio, tudo na altura dos nixos por cima da porta do coro, no que gastou

807 569

Fez dous castiçaes de prata irmãos dos que havia na capella mor.

Mandou fazer as imagens de Santa Rita grande e pequena; mas ja Santa Rita se tinha collocado ano 1616 em 19 de Abril.

Para as obras da igreja deo o Padre Frei Pantaleão Freire quando entrou na religião 800 000 dos quaes se lhe pagarão 20 000 de tença emquamto vivo. Livro das Conselhos em 16 de Março de 716, fol. 84 vº. Este religioso faleceo em Braga em de 175 (sic) e pagou lhe o convento a tença 40 annos, que a 20 000 somam os mesmos 800 000 que elle deo por ser dinheiro morto que não rendia.

Do rol do capitulo de 1725 consta que custou o concerto da tribuna da capela mor 174 000 sendo prior Frei Francisco Corte Real

O Padre Frei Ignacio de Lis, que entrou a prior em 1725

Começou o frontispício da igreja, e nelle dispendeo

2:402 488

Em 5 de Julho de 1727 demos licença para os irmãos dos Passos levantarem a casa sobre a sua capella. Livro dos Conselhos, fol. 17.

No 1º de Fevereiro do mesmo anno demos facultade aos irmãos da Senhora da Guia para fazerem huma casa para a fabrica da sua confraria junto do muro: com condição que fariam primeiro termo de nos não prejudicar na altura e de nos ficar livre, se fosse para fora da nossa igreja

4:167 716

(fls 62vº)

da lauda retro 4:167 716

o mesmo Livro dos Conselhos, fls 17.

No triennio do Prior Frei João das Neves, que teve principio em 1728

Continuou o mesmo frontispicio e torres e ficou no estado em que hoje serve, e se fizeram os tres arcos de abobeda sobre o coro, e ficaram fechados, no que gastou 2: 904 045

Nos dous seguintes triennios dos Piores Frei Francisco de Paula e Frei Antonio de Santiago de 1731 ate 37 estiveram paradas as obras deste convento

Em 27 de Outubro de 1734 como consta do Livro dos Conselhos desse anno fol. 61, se obrigou este convento com licença do Muito Reverendo Padre Provincial Frei Antonio de Távora fazer huma alampada de prata lisa para a capela de Santo Thomas de Villanova e para azeite della e estar sempre acesa por 174000 que o convento devia pagar ao Padre Frei Ironimo da Luz; a saber 134 000 que lhe ficara devendo o Padre Frei Antonio Rangel físico deste convento e 40.000 de suas tenças e os dimitio ao convento com a dita obrigação.

No anno de 1737 veio o Prior Frei Agostinho dos Santos e as continuou com grande augmento.

Fez o tres arcos de abobeda da igreja que ainda restavam sobre as capellas de Santa Mónica e Santa Rita, e ficou toda a abobeda da igreja fechada e custaram 475.200

Fez o arco e abobeda do coro e o lageou. Custou 425.000

Pos as grads do coro, a imagem de Christo com seu docel de damasco carmesim, com franja e galão de ouro fino, as duas portas e as vidraças das duas frestas pequenas.

Lajeou a igreja junto da porta principal e tapou de pedra as duas pequenas dos lados; pos as duas pias de agua benta a mesma porta; fez os degraos e altares de pedra para as capellas de Nossa Madre Santa Monica e Santa Rita. Acrescentou hum registo no órgão, e lhe fez huma caixa; custaram

705 725

Das esmolos de Santa Rita se fez o retabolo da sua capela 1:605925

8:677686

(fls 63)

da lauda retro 8:677 686

O Padre Prior Frei Jose Leal no seu triennio de 1740 ate 43 não fez obra alguma. Das esmolos de Santa Rita poseram grades de pao preto na sua capella, dourou se o retabolo, e fizeram varias obras.

O Padre Mestre Frei Manol da Cruz no segundo triennio do seu governo de 1747 ate 50.

Fez a estante grande do coro de pao preto e de bella idea, e custou 70 875

E hum vaso pequeno de prata sobredourado para partículas, que custou 27 000

97 875

Neste triennio fez Rosa Teresa viuva de Sebastião Rodrigues de Lima da calçada de São João Novo a sua custa o excellent retabolo da capella de Nossa Madre Santa Monica, que lhe custou

200 000

E Manoel de Azevedo da Silva, pay do nosso religioso Frei João de Azevedo de Villa Nova de Gaia, e outro devoto deram huma excellent lampada a romana, que pesou 23 marcos a 7 900, e custou 181.700, a Santa Rita.

No ultimo quadriennio do mesmo prior de 1750 ate 54 fizeram se as grades da capella de Nossa Madres Santa Monica de pao preto de esmolos

As cadeiras do coro, que custaram	375 395
O orgão grande a fundamentis e custou	943 405
	1:319 340
Para a sua factura tiraram se muitas esmolos	10:094 901
Emtrando aqui o que se gastou ate a collocação do Santissimo Sacramento	10:198 538
	Soma 20:293 439

(fls 63v^o)

No triennio de 1757 ate 60, em que foi Prior o Padre Frei António Correa deo o Excelentissimo Senhor D. Frei Antonio de Sousa Bispo desta cidade para a nossa igreja

Hum ornamento de 7 capas, 1 casulla, 2 dalmaticas com borlas de ouro, manga de cruz, veo de hombros e de calis, bolça de corporaes, 5 frontaes, 2 pannos de pulpito, tudo de damasco de ouro aparelhado e hum palio de melania guarneccio tudo de galões e franjas de ouro fino; 1 capa, 1 casula e 2 dalmaticas de damasco branco com borlas de retros para as renovações; 3 frontaes e 4 casullas de damasco branco, com veos de calices: 4 casulas de damasco encarnado e 4 de roixo; 1 casulla e 2 dalmaticas de damasco verde, com borlas, galões e franjas de retros; 1 calis ordinario de prata sobredourado com patena e colherinha e 1 cruz e anel de pedras verdes para Nosso Padre.

O Muito Reverendo Padre Mestre Frei Aurélio de Santo Thomas, provisor deste bispado mandou no mesmo triennio fundir o sino grande que estava quebrado com acrescentamento de sete arrobas.

Mandou fazer hum relógio para a torre que custou 96 000; 6 alvas, 3 sobrepelises, 6 toalhas dos altares, sanguinhos, manustargios de linho fino; 6 veos de calices brancos e encarnados.

Custodia Clara do Nascimento deo no mesmo triennio a sobrecobertura de damasco com franja e renda de ouro fino para a pixide grande das particulas que custou 12 800 e huma toalha grande com renda para a mesa da comunhão

Sendo Prior o Padre Frei Manoel de Santa Rosa de 1760 ate 63 deo o mesmo Excelentissimo Senhor Bispo as peças seguintes

Hum prato grande e gomil de prata para a agua das mãos nas festas principaes; 1 calis de prata sobredourado com figuras de relevo feito em Roma na ultima perfeição para as principaes solenidades; 1 porta paz de prata sobredourada de Roma

(fls 64)

com pintura de iluminação do Senhor Morto; 1 imgem da Senhora da Graça de prata com seo retabolo de evano.

Huma capa e 2 dalmaticas de damasco carmesim guarneccidas de galões e franjas de retros; 1 veo de hombros encarnado; 1 mesa de corporaes de cambraia com pala sanguinho e manustergio bordados; hum esquife com sanefas de damasco preto guarneccido de galões de retros; huma manga de cruz e panno de defuntos de riço guarneccido de galões de retros

Dourou o retabollo da capella de Nossa Madre Santa Monica.

Mandou fazer cortinados para o arco da capella mor e para os seus portados, túmulos, frestas, portas e boca da tribuna e nixo de Nosso Padre; para os 4 altares collateras, pulpitos, arco da capela de Nossa Madre e janella sobre a capella de São Nicolao com franjas e galões de retros; hum docel de damasco branco guarneccido de galão e franja entrefino para expor o Santissimo na tribuna da capella mor; hum frontal de damasco branco para a capella de Nossa Madre com franja e galão de retros e hum docel de damasco encarnado guarneccido de galão e franja entrefina para a Senhora da estante do coro.

O Muito Reverendo Padre Mestre Provisor Frei Aurelio de Santo Thomas deo no mesmo triennio, para o coro o painel de Nosso Padre com vitral de damasco de toda a conta e docel para o Santo Christo guarneccido de galão e franja e ouro entrefino; fez a grande tribuna fronteira ao orgão e as grades de pao das janellas por cima das capellas dos Passos e São Nicolao.

Para o novo retabolo da capella mor, que custou 1:240 000 deo o nosso Excelentissimo Senhor Bispo 584.000; o Padre Mestre Provisor 192 000: o Padre Francisco de Sousa com obrigação de lhe pagarem ao reditos emquanto vivo não chegou a viver depois hum anno 400 000 ; de huma esmolla 48 000.O convento pagou 16 000.

(fls 64vº)

No triennio do Prior Mestre Frei Antonio Leal que foi de 1763 ate 66 deo o Excelentissimo Senhor Bispo a jmagem de Santo Alipio primorosamente estofada para a capella mor da parte da Epistola correspondente a de Nosso Padre, a qual custou.

Mandou fazer na igreja 59 sepulturas com cintos e divisões de pedra e campos de castanho, obra que muito formoeou a igreja. O convento mandou fazer 26 que restavam ainda para ficarem todas iguaes e completas; cada huma custou 52 800

Fizeram se neste mesmo triennio: 4 casulas, 2 dalmaticas, 3 capas, 1 frontal, 4 bolças de corporaes, 2 pannos de estante de veludo preto com galões e franja de retros, 1 manga de cruz com guanição de ouro fino e outra manga de cruz de damasco carmesim. Para estas obras deo o muito Reverendo Padre Mestre Provisor Frei Antonio de Santo Thomas 96 000 e o Padre Frei Francisco de Sousa 48 000.

Mandou fazer o convento no mesmo triennio a banquetta do altar mor de pão dourado que custou

123 160

Huma cruz para as procisões. Tem 2 marcos, 7 onças e 2. 8^{as} a 6:400 o marco e o feitio a 2:400 e dourados
241 875

Huma lampada para o alltar do Santíssimo que tem 30 marcos e 3.8^{as} e meio a 6 400 e feitio a 2 300

267 468

Outro calices sobredourados, que pesam: 10 marcos e 3. 8^{as} e meia, a 6400, e feitio a 4000, e dourado

115.550

Huma bugia de prata custou

12 300

4 castiças de pao dourados para o altar de do Santissimo Sacramento, e custaram

760 353

Neste mesmo triennio mandou o Senhor Bispo fazer hum grande acrecentamento no orgão, que importou 200 000»

Notas

1 – Do livro, apenas se transcreveu a arte referente à construção do convento. As notas à margem, por serem redundantes – repetições do que é dito no texto - não foram transcritas. O Prof. Jaime Ferreira- Alves, no artigo da *Museu* atrás referido, transcreveu excertos deste documento, respeitantes a imagens, pratas, paramentos, objectos litúrgicos,quadros e um cofre (o cofre de cristal oferecido pelo Bispo de Hiponia), referidos a fls 12, 59, 60, 61vº, 62, 62vº, 63, 63vº 64 e 64 vº.

2 – Abreviatura incompreensível

3 – Ilegível

4 – Leitura duvidosa